

Ministério da Educação
Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Programa da disciplina
de
Antropologia

12º Ano

Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas

Autores:

Carlos Simões Nuno
José Manuel Sobral (Coordenador)
Margarida Fernandes

Homologação

19/04/2006

Índice

1. Introdução	3
1.1 Natureza da disciplina.....	3
1.2 Integração no currículo.....	5
2. Apresentação do Programa	6
2.1. Finalidades.....	6
2.2. Objectivos gerais.....	6
2.2.1 Domínio das atitudes e valores.....	6
2.2.2 Domínio das aptidões e capacidades.....	7
2.2.3 Domínio dos conhecimentos.....	7
2.3. Competências gerais.....	8
2.3.1. Competências transversais.....	8
2.4. Visão geral dos temas/conteúdos.....	8
2.5. Sugestões metodológicas gerais.....	12
2.6. Avaliação.....	14
2.7. Recursos.....	14
2.7.1 Faculdades/Institutos.....	15
2.7.2 Centros de Investigação.....	16
2.7.3 Outras Instituições.....	17
3. Desenvolvimento do Programa	18
4. Bibliografia	39
4.1. Recursos na Internet.....	56
4.2. Revistas.....	59

1. Introdução

1.1 Natureza da disciplina

A Antropologia emerge, como as outras disciplinas reconhecidas como ciências sociais, no século XIX. Podemos, por certo, fazer recuar os seus antecedentes aos primeiros escritos sobre sociedades não europeias que datam sobretudo do período de expansão colonial no século XVI. Todavia, só na segunda metade de Oitocentos, um período de construção de novos impérios coloniais, começa a constituir-se como projecto científico e a institucionalizar-se.

Há pouco mais de um século, as preocupações da Antropologia eram dominadas pelo estabelecimento de contrastes entre as sociedades civilizadas e as chamadas sociedades primitivas. A estes contrastes estava subjacente uma representação evolutiva da história da humanidade, que transitaria de um estado inicial selvagem para um, final, civilizado. Esta perspectiva, comum a outras ciências sociais, esteve ligada à procura das raízes biológicas do homem e, nomeadamente, à busca do fundamento da diversidade cultural na diferença entre grupos humanos classificados como *raças*. Porém, a interrogação da diferença também se fez sentir numa Antropologia que recusava o factor racial e se debruça sobre temas como as crenças, a religiosidade e a organização social. Das primeiras preocupações derivou a Antropologia biológica, um campo de saber crescentemente autonomizado; das segundas uma Antropologia caracterizada como cultural – designação dominante nos EUA – por privilegiar o domínio da cultura, e social – que predominaria na Grã-Bretanha – por colocar a ênfase na estrutura social. Uma outra corrente com importância na formação da Antropologia contemporânea – social e cultural – é representada pelos estudos de folclore e de etnologia que se desenvolvem na Europa a partir do Romantismo.

Estes estudos também partiam da constatação de diferenças culturais, mas estas existiam nas próprias sociedades de que faziam parte os observadores. Eram diferenças entre o universo de uma cultura urbana cosmopolita, à qual pertenciam os observadores, e o de uma cultura rural tida como tradicional, arcaica, mas que, precisamente por esse facto, seria o depósito do que era peculiar a cada nação – da sua *identidade nacional* –, como tal considerado como ainda não minado por influências externas. Por este facto, o desenvolvimento da etnografia está ligado ao incremento do nacionalismo no século XIX.

Marcada, nas suas preocupações iniciais, pelos seus contextos de emergência, a Antropologia é o lugar, desde os inícios do século XX, de uma crítica reflexiva sobre os seus próprios fundamentos, que conduziu ao abandono da noção de raça e dos pressupostos da análise racialista, bem como ao descrédito dos postulados de superioridade inerentes ao evolucionismo. Deste modo, ao invés de caracterizar as outras culturas em função, explícita ou implícita, da cultura ocidental, procurou vê-las como totalidades integradas explicáveis em função dos seus próprios parâmetros. Desenvolveu, deste modo, uma atitude holista, relativizadora e crítica do etnocentrismo anterior.

Este desenvolvimento esteve associado a uma transformação de alcance radical no âmbito da Antropologia social e cultural: a introdução do trabalho de campo como método privilegiado da disciplina. Esta metodologia implica a permanência do antropólogo por longos períodos de tempo no seio das sociedades que estuda e cuja língua é obrigado a aprender, vinculando-o também ao estabelecimento de relações de proximidade – condição de possibilidade da pesquisa – com os analisados. Ao longo do século XX, a aplicação desta metodologia transformou a Antropologia social e cultural numa disciplina cosmopolita e detentora de um espólio de conhecimentos incomparável

sobre todas as culturas humanas. Ao mesmo tempo, a proximidade entre os antropólogos e as sociedades observadas contribuiu para fazer ressaltar a universalidade de uma mesma condição humana. Estes factos explicam o papel fulcral da disciplina na promoção da igualdade e do respeito entre todos os povos e culturas.

Ao interesse pelo estudo das populações submetidas à colonização juntou a Antropologia, num momento mais recente, o do estudo das populações situadas nas áreas culturais a que pertenceram os colonizadores. No decurso das últimas décadas, a Antropologia social e cultural, retomando criticamente o legado etnográfico, dedicou-se à investigação dos diferentes espaços sociais e culturais das sociedades que a viram constituir-se. Percorreu diversos temas, da análise das culturas camponesas – fazendo, deste modo, a ligação com a tradição etnográfica, com a história ou com a geografia humana – à dos novos espaços urbanos e dos processos migratórios, marcados pelo contacto cultural e pela hibridização. Sublinhe-se que os grupos estudados têm sido predominantemente os menos poderosos, cuja vida assenta na comunicação oral; por isso, as suas representações e valores ou não constam das fontes escritas ou nelas encontram um eco escassíssimo (e, não raras vezes, distorcido), sendo a Antropologia e a etnografia – que a primeira incorporou – as depositárias das suas práticas e representações, constitutivas do que hoje se designa como “património etnológico”. Assim, a Antropologia construiu também um corpo de conhecimentos insubstituível na análise das nossas sociedades que continua a ser alargado.

O trabalho científico em Antropologia social e cultural implicou o desenvolvimento de temas e conceitos que serviram de inspiração a outras disciplinas. Refiram-se dois exemplos concretos. O primeiro diz respeito à renovação operada no campo da História, em particular no domínio da história da família e no da história das mentalidades, que levou ao aparecimento da história antropológica. Não se tratou, todavia, de um mero fascínio por temas e conceitos. Um *modus operandi* generalizado em Antropologia – a articulação de estudos exaustivos locais, por vezes com características de “estudos de comunidade”, com perspectivas mais gerais e globais – tornou-se extremamente influente em História, como em outras disciplinas, por permitir combinar análises intensivas com sínteses generalizadoras.

O segundo exemplo reporta-se à Arqueologia. Aqui, foi o conhecimento obtido em diversas sociedades pelos antropólogos que constituiu um guia que permite interpretar em termos sociais e culturais, por inferência e comparação, os testemunhos do passado.

O programa aqui apresentado recolhe diversas temáticas fundamentais desenvolvidas na disciplina. Acolhe alguns legados da Antropologia biológica, no tratamento da problemática básica da hominização, e os da Antropologia social e cultural, no tratamento dos temas restantes. No seu conjunto, propõe-se fornecer uma introdução aprofundada a questões fundamentais na organização da vida humana no passado e no presente, oferecendo conexões com conteúdos trabalhados em outras disciplinas, nomeadamente em História, em Sociologia e em Geografia. Apresenta-se, por estas razões, com abertura interdisciplinar.

O conjunto de conhecimentos adquiridos e uma visão cosmopolita fazem da Antropologia uma disciplina valiosa num momento histórico como o actual, marcado pela intensificação da globalização e pelo multiculturalismo, fenómenos amplamente estudados no âmbito da disciplina. Ao revelar a existência de modos de vida distintos, que representam vias alternativas de construir a experiência humana, o contributo da Antropologia apresenta-se como um requisito dos aprendizados da cidadania e da democracia, que recebem um destaque adequado na Reforma do Ensino Secundário.

1.2 Integração no currículo

Decorre do enunciado anterior que assumimos ser a Antropologia uma disciplina de formação que se insere numa caracterização do ensino secundário como de “natureza terminal”. Com tal achamos que é uma disciplina que proporciona conhecimentos básicos sobre a condição humana na sua diversidade, ao mesmo tempo que fornece aos alunos contributos conducentes à sua assunção de “cidadãos de pleno direito, críticos e intervenientes, numa sociedade democrática e desenvolvida”, ajustando-se deste modo plenamente aos princípios orientadores da Reforma do Ensino Secundário.

Enquanto opção de oferta dependente do Projecto Educativo da escola, inserida na componente de formação específica do Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas e com uma carga horária de 3 tempos lectivos de 90 minutos no 12º ano, pensamos numa organização da disciplina que vincule estreitamente a teoria e a prática, aproximando o seu aprendizado das condições em que se faz a investigação científica em Antropologia. Estes propósitos, enunciados explicitamente nos princípios orientadores da Reforma do Ensino Secundário, articulam-se com o que atrás descrevemos como um processo de investigação corrente em Antropologia: a ligação entre estudos locais e perspectivas mais gerais. Assim, e consoante as características do espaço sociocultural em que se insere a escola, propõe-se, sempre que tal seja possível, a realização de pequenas investigações de grupo sobre temas do programa e a realização de trabalhos de campo em pequena escala, que contemplem a utilização de vários processos de recolha, como gravações em suportes áudio e vídeo ou levantamentos fotográficos. A título de sugestão, refira-se que a maioria dos temas do programa podem ser estudados a nível local, quer nos refiramos aos modos de subsistência, à família e ao parentesco, ao ritual e à religiosidade. A ligação entre textos, contextos e investigação tornará o aprendizado atractivo para os alunos e contribuirá para o seu sucesso.

Concebemos as actividades desta disciplina em ligação com o aprendizado e os conteúdos de outras disciplinas, como a Geografia, a História, a Sociologia, a Psicologia e a própria Filosofia. As três primeiras fazem parte do contingente das ciências sociais e com elas existem múltiplas afinidades e ligações. A última tem incluído na sua reflexão temas desenvolvidos em Antropologia, como os relativos ao multiculturalismo e à cidadania e à reflexão do Homem sobre si mesmo. Muito embora estas afinidades entre as Ciências Sociais e a Filosofia sejam privilegiadas, tal não exclui de modo algum a colaboração com algumas áreas tecnológicas ou com o campo das ciências da vida. Por isso, entendemos ser a Antropologia um contributo valioso para o desenvolvimento de trabalhos conjuntos na Área de Projecto.

2. Apresentação do Programa

2.1. Finalidades

A disciplina de Antropologia organiza-se a partir do seu lugar específico na estrutura curricular do ensino secundário, que decorre directamente da Lei de Bases do Sistema Educativo e se encontra definida nos documentos e orientações que dão corpo à Reforma do Ensino Secundário, nomeadamente no Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de Março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro.

Aí são enunciados os princípios orientadores dos programas das disciplinas de opção de oferta dependente do Projecto Educativo da escola, que privilegiam o enriquecimento da formação dos alunos em áreas não centrais, ou mesmo ausentes, do currículo do respectivo curso, podendo, no entanto, estabelecer pontes de articulação e desenvolvimento com competências e conhecimentos adquiridos nas outras disciplinas do curso, o que, aliás, entendemos ser essencial.

Deve, ainda, ter-se em consideração que a Antropologia, como disciplina de opção do Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas, surge na estrutura curricular como disciplina do 12º ano, isto é, no ano terminal deste ciclo de formação escolar que, cada vez mais, se configura simultaneamente como um ano pré-universitário.

Assim, estabelecem-se as seguintes **finalidades** para a disciplina de Antropologia:

- diversificar e desenvolver a oferta educativa, tendo em vista o enriquecimento cultural, social, cognitivo e afectivo dos alunos;
- articular, contrastar e desenvolver temáticas e perspectivas presentes noutras áreas disciplinares que façam parte dos currículos dos Cursos Científico-Humanísticos;
- permitir às escolas um alargamento das estratégias de trabalho na ligação com o meio envolvente e o desenvolvimento de práticas pedagógicas fomentadoras da integração de saberes, tradições e experiências das várias componentes das comunidades educativas (docentes, alunos e famílias);
- desenvolver nos alunos capacidades autónomas de selecção, avaliação e utilização das informações obtidas, possibilitando uma maior capacidade crítica na tomada de decisões em vários contextos da vida;
- valorizar a importância da diversidade cultural, do conhecimento mútuo e da autonomia, visando desenvolver a consciência da diferença e o respeito pela mesma;
- contribuir para a formação integral dos jovens, preparando-os para um exercício mais consciente da sua cidadania, fornecendo-lhes instrumentos de análise e reflexão sobre as sociedades actuais e as suas dinâmicas de mudança e de reprodução.

2.2. Objectivos gerais

A disciplina de Antropologia procura, igualmente, alcançar os seguintes **objectivos gerais**:

2.2.1 Domínio das atitudes e valores

- desenvolver a curiosidade intelectual, o espírito crítico e a consciência social;
- reconhecer e respeitar a diferença e a autonomia;

- desenvolver valores de relativização cultural, fomentadores de solidariedade com outros povos e de respeito e compreensão pelas diferentes manifestações culturais;
- desenvolver o espírito de equipa, propondo iniciativas que envolvam e estimulem a intervenção dos colegas e integrando-se em iniciativas propostas pelos outros;
- assumir, com fundamento crítico e auto-consciência, opções éticas e estéticas;
- desenvolver o auto-conhecimento do seu lugar nas redes de relacionamento e de sociabilidade, na complexidade actual da sociedade global, percebendo melhor as dinâmicas de mudança e de estabilidade dessa mesma sociedade, como cidadão, como potencial futuro estudante universitário e como futuro profissional.

2.2.2 Domínio das aptidões e capacidades

- desenvolver hábitos de trabalho intelectual e de gosto pela experiência e experimentação;
- desenvolver capacidades de mobilização de diferentes recursos e fontes de informação;
- promover o recurso a metodologias comparativas e à discussão crítica de materiais e de fontes;
- desenvolver capacidades de expressão e de organização criativa das ideias;
- formular hipóteses compreensivas e explicativas dos factos sociais;
- desenvolver a aplicação de metodologias de observação directa, de observação de longo termo, de interacção observador – observado e de técnicas qualitativas de recolha e de análise de dados;
- aplicar instrumentos de análise das ciências sociais na construção do conhecimento antropológico;
- aplicar conhecimentos adquiridos em Antropologia a novas situações, bem como articulá-los com conhecimentos adquiridos em outras áreas disciplinares;
- desenvolver uma visão holística da cultura e a capacidade de compreender as experiências transculturais;
- realizar levantamentos de cultura material e de tradições orais de uma comunidade.

2.2.3 Domínio dos conhecimentos

- conhecer a diversidade das manifestações culturais e sociais, nas suas dimensões históricas e geográficas;
- analisar as especificidades políticas, económicas e de organização social de uma sociedade, utilizando a perspectiva e o método comparativo;
- analisar os pressupostos do etnocentrismo e os da crítica relativista;
- discutir criticamente as bases dos discursos racistas e de outras modalidades de afirmação de superioridade cultural e social;
- estabelecer relações dinâmicas entre contextos locais e dimensões globais;
- compreender a dinâmica social e as tensões de mudança e de estabilidade social;
- avaliar criticamente programas de intervenção social nos campos das minorias culturais, da saúde, da habitação, da educação e do património;

- conhecer as relações entre natureza e cultura no processo de autonomização e desenvolvimento das sociedades humanas;
- apreender as manifestações e a importância dos domínios simbólicos e rituais da sociabilidade humana, e o seu contributo para o estabelecimento e definição da ordem social.

2.3. Competências gerais

As finalidades e os objectivos acima enunciados apresentam-se como orientações dos processos de ensino e de aprendizagem a desenvolver na disciplina, pretendendo-se fornecer um contributo efectivo para que, no final deste ciclo de estudos, onde a disciplina de Antropologia está inserida, os alunos tenham desenvolvido as seguintes competências:

- pesquisar, de forma autónoma mas planificada, em fontes primárias e secundárias e com recurso a meios diversificados, informação pertinente para os temas a desenvolver;
- analisar criticamente as fontes de informação, relativizando e contextualizando as suas origens e narrativas;
- mobilizar conhecimentos etnográficos para fundamentar opiniões e análises relativas a problemas das sociedades contemporâneas e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente;
- utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na selecção adequada dos contributos destas tecnologias;
- participar em dinâmicas de equipa e de trabalho de grupo, sendo capazes de assumir responsabilidades individuais e colectivas nesses processos;
- manifestar abertura à dimensão multicultural das sociedades contemporâneas;
- disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação, de forma autónoma e auto-crítica.

2.3.1. Competências transversais

Promover a articulação com temáticas e abordagens presentes noutras disciplinas que façam parte do currículo do Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas, desenvolvendo as perspectivas de trabalho interdisciplinar e a integração dos saberes aprendidos.

A disciplina de Antropologia pretende ainda proporcionar uma aproximação relevante a experiências de vida e configurações culturais distintas, conciliando o respeito pela diferença e pela especificidade com o pressuposto da igualdade entre todos os grupos humanos; por isso, os seus conteúdos são apropriados ao desenvolvimento de uma educação cidadã baseada no respeito, contrária à xenofobia, ao racismo e à discriminação em geral.

2.4. Visão geral dos temas/conteúdos

A elaboração dos conteúdos programáticos da disciplina de Antropologia obedeceu a dois requisitos básicos: a importância científica e social dos temas tratados e a capacidade para os ensinar, tendo em conta os recursos e os meios disponíveis.

Os conteúdos foram estruturados procurando respeitar critérios básicos do processo de ensino-aprendizagem, bem como a orientação definida para as temáticas propostas. Os temas encontram-se agregados pelas afinidades entre os seus componentes – sete conjuntos definidos em função de uma problemática global. Começando por uma breve introdução ao próprio campo disciplinar da Antropologia, o trajecto sequencial proposto para o seu ensino-aprendizagem foi elaborado de modo a ter como ponto de partida os elementos considerados mais básicos no estudo da sociedade, a começar pela génese do *humano*, a que se segue a abordagem de alguns dos temas mais relevantes da vida social e que têm sido objecto da pesquisa e reflexão antropológicas. Como ponto de chegada apresenta uma síntese panorâmica em que se refere a tensão entre uniformização e diversidade na relação assimétrica entre culturas e sociedades humanas no presente e no passado mais recente.

TEMAS	UNIDADES DIDÁCTICAS
1. <i>O que é a Antropologia?</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que é a Antropologia? 2. Os domínios da Antropologia 3. Trabalho de campo/método etnográfico 4. Noção holística de cultura, noções comuns de cultura
2. <i>Natureza e cultura</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O animal humano 2. Evolução humana 3. Unidade e diversidade dos grupos humanos 4. Comportamento e desenvolvimento tecnológico e cognitivo 5. Biologia e cultura 6. Construções culturais do corpo 7. Artes do corpo
3. <i>A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sociedades de caçadores-recolectores 2. Sociedades pastoris 3. Sociedades agrárias 4. Sociedades industriais
4. <i>Formas de organização social</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A família e o parentesco 2. A idade 3. A etnicidade 4. A estratificação social
5. <i>A construção cultural das sociedades</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. As coordenadas culturais do tempo e do espaço 2. Domínios do ritual 3. A religião na vida social 4. A memória social 5. O oral e o escrito
6. <i>Formas de poder, dominação, resistência</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O poder e as suas formas 2. Sociedades com Estado e sociedades sem Estado 3. Dominação, ideologia, visões do mundo, resistência 4. Conflito e Movimentos sociais
7. <i>A diversidade das culturas humanas no passado e no presente</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A diversidade cultural e o impacto da dominação colonial 2. Etnocentrismo e racismo 3. As culturas humanas na época da globalização 4. Universalidade dos direitos humanos e multiculturalidade

Tema 1. O que é a Antropologia?

- O que é a Antropologia?
- Os domínios da Antropologia
- Trabalho de campo/método etnográfico
- Noção holística de cultura, noções comuns de cultura

O que fazem os antropólogos? Como se constrói o saber antropológico? Os conceitos e o *corpus* teórico da Antropologia assentam na sua metodologia e na sua prática específicas. O trabalho de campo e a observação

participante continuam a ser associados à construção do saber antropológico e são, pelo reconhecimento da sua relevância no estudo das sociedades humanas, cada vez mais usados por outras disciplinas das ciências sociais.

Tema 2. Natureza e cultura

- O animal humano
- Evolução humana
- Unidade e diversidade dos grupos humanos
- Comportamento e desenvolvimento tecnológico e cognitivo
- Biologia e cultura
- Construções culturais do corpo
- Artes do corpo

No âmbito deste tema procura-se analisar o surgimento e evolução da população humana e o aparecimento da diversidade cultural; pretende-se igualmente fornecer uma breve introdução à problemática das relações entre biologia e cultura, explorando questões como as relativas ao genoma humano e à articulação entre corpo e contextos socioculturais, além de se levar a cabo uma abordagem crítica dos conceitos comuns de raça e de evolução.

(Os autores agradecem o contributo da Doutora Cláudia Sousa nos pontos referentes à Antropologia Biológica)

Tema 3. A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história

- Sociedades de caçadores-recolectores
- Sociedades pastoris
- Sociedades agrárias
- Sociedades industriais

Síntese panorâmica das principais formas de estruturação das sociedades humanas, numa perspectiva que contempla simultaneamente dimensões contemporâneas e dimensões histórico-evolutivas. Procura-se combinar uma análise da história das sociedades humanas com um exame do presente, entendido não apenas nos traços inovadores que apresenta, mas nas dimensões de passado que são também parte desse mesmo presente.

Tema 4. Formas de organização social

- A família e o parentesco
- A idade
- A etnicidade
- A estratificação social

Agrega-se aqui o tratamento das questões relativas às principais formas de organização social e aos princípios diferenciadores que as mesmas instituem. São tratadas as estruturas básicas da família e do parentesco, a idade, a etnicidade, bem como diversas modalidades de diferenciação social, algumas presentes em todas as sociedades humanas, outras específicas de algumas delas: a estratificação em classes, na sua expressão contemporânea.

Tema 5. A construção cultural das sociedades

- As coordenadas culturais do tempo e do espaço
- Domínios do ritual
- A religião na vida social
- A memória social
- O oral e o escrito

Neste núcleo encontram-se temáticas afins e imbricadas. Uma respeita à orientação das sociedades em termos das coordenadas estruturantes do tempo e do espaço e da sua visão do mundo simbólico-religiosa. Outra trata das implicações na estruturação das sociedades dos dois modos principais de comunicação: a oralidade e a escrita. Essas implicações envolvem, nomeadamente, as dimensões económicas, sociais, políticas e cognitivas – organização dos saberes – dessas sociedades.

Tema 6. Formas de poder, dominação, resistência

- O poder e as suas formas
- Sociedades com Estado e sociedades sem Estado
- Dominação, ideologia, visões do mundo, resistência
- Conflito e Movimentos sociais

Associam-se neste núcleo temático diversas formas de que se revestem as relações de poder – ao nível da economia, da estratificação social, da organização política, da organização militar, da ideologia –, bem como as formas de dissidência que se encontram associadas simbioticamente às diversas modalidades de exercício do poder.

Tema 7. A diversidade das culturas humanas no passado e no presente

- A diversidade cultural e o impacto da dominação colonial
- Etnocentrismo e racismo
- As culturas humanas na época da globalização
- Universalidade dos direitos humanos e multiculturalidade

Abordagem das sociedades humanas no presente e no passado colonial que está na génese desse mesmo presente. Procura-se mostrar que a época da globalização é marcada pela coexistência de múltiplas culturas com uma distribuição e influência desiguais. Analisam-se alguns problemas resultantes dessa coexistência entre culturas, nomeadamente os ligados a formas de discriminação cultural e ao racismo. Procura-se situar a emergência de estereótipos culturais e racionais, inserindo-os no contexto da dominação colonial. Discute-se a problemática da definição de direitos humanos universais num contexto multicultural.

2.5. Sugestões metodológicas gerais

A preocupação com o desenvolvimento de uma atitude crítica por parte dos alunos, a par da aquisição de conhecimentos através do entendimento adequado dos textos e de todos os materiais usados na transmissão de conhecimentos, leva-nos a privilegiar a utilização de metodologias de trabalho que contemplem a iniciativa individual do aluno e permitam uma colaboração *inter pares* com o apoio do professor. Esta perspectiva deverá privilegiar a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade e poderá enquadrar-se na Área de Projecto.

Dadas as características da disciplina, pretende-se que seja mantida uma relação estreita entre as matérias leccionadas e a realidade vivida pelos alunos no seu quotidiano, quer pela sua experiência directa, quer pela informação transmitida – pelos meios de comunicação social ou outras fontes de informação – de modo a que possam discutir e analisar a realidade de forma crítica, distinguindo os pressupostos e preconceitos do senso comum da análise fundamentada dos factos.

Será relevante procurar no meio envolvente formas de trabalhar os temas abordados na disciplina, aproveitando, por exemplo, a tradição oral, a realização de festas, as tecnologias e, de um modo geral, os saberes tradicionais. Compete, deste modo, ao docente orientar os seus alunos na busca de temas relevantes para a consolidação dos temas do programa, bem como suscitar a sua curiosidade para que, de forma autónoma, possam sugerir temas de pesquisa e debate.

Assim, propõe-se que o desenvolvimento do programa seja feito através de uma colaboração estreita entre professores e alunos e que o mesmo se articule com a realidade vivida ou observável do meio envolvente.

A metodologia central a aplicar passa pela necessidade de incutir nos alunos uma visão holística do mundo que os rodeia, destacando o papel específico da Antropologia na abordagem dos temas, ao mesmo tempo que sublinha a relação estreita existente entre as várias disciplinas das ciências sociais.

Tratando-se de uma disciplina de opção, o docente deverá contemplar a área de estudos dos seus alunos de modo a promover os laços relevantes entre as várias disciplinas do Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas e a Antropologia.

O enfoque metodológico da aprendizagem assentará no desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, no desenvolvimento de aptidões de organização de trabalho e de compreensão do mundo actual, dispensando as perspectivas estereotipadas do senso comum, encorajando o sentimento de cidadania e a promoção do desenvolvimento individual e social dos alunos.

Propõe-se a elaboração de pequenos trabalhos de curta duração assentes na exploração de temáticas facilmente acessíveis no espaço da escola e no contexto social e cultural envolvente, promovendo a utilização de todos os recursos disponíveis – informantes, bibliotecas, museus, imprensa e órgãos de comunicação social locais e nacionais, entre outros –, nomeadamente os representados pelas tecnologias de informação e comunicação (com destaque, ao nível da pesquisa, para a Internet, para o uso de audiovisuais, *powerpoint*, etc.). Indica-se a possibilidade de realizar um trabalho de investigação no decorrer do 3º período, para o qual se sugere a seguinte estratégia/metodologia:

1. Escolha de tema
2. Selecção das fontes
3. Calendarização do trabalho
4. Pesquisa:
 - 4.1. Bibliográfica e documental
 - 4.2. Pesquisa de informações em suportes audiovisuais
 - 4.3. Entrevistas
 - 4.4. Observações directas
 - 4.5. Recurso às tecnologias de informação e comunicação como fontes
5. Tratamento das fontes:
 - 5.1. Fichas de leitura
 - 5.2. Comentários das fontes
 - 5.3. Análise de conteúdos
6. Tratamento e organização da informação
7. Planificação do trabalho final:
 - 7.1. Forma e conteúdo
 - 7.2. Discussão sobre os recursos a utilizar (p. ex., audiovisuais, tecnologias de informação e comunicação)
 - 7.3. Apoios a mobilizar
8. Elaboração do trabalho
9. Apresentação

O trabalho poderá ser apresentado sob várias formas, dependendo dos recursos da escola e da região em que se encontra, bem como das apetências do docente e dos alunos.

Recomenda-se o recurso a meios audiovisuais e informáticos, bem como aos meios convencionais de fixação de informação, não sendo de excluir, em qualquer dos casos, o texto escrito. Propõe-se a elaboração de uma revista com os trabalhos dos alunos, em papel ou com suporte informático, e a apresentação de exposições a partir dos materiais recolhidos ou documentados. Privilegia-se ainda o recurso às tecnologias de informação e comunicação (por exemplo, *Power Point*, páginas da *World Wide Web*, etc.) na apresentação dos resultados.

O trabalho poderá ser divulgado, mediante a escolha do professor e do aluno, através de um ou mais de um dos seguintes formatos:

- Texto escrito em formato de revista (mas previamente discutido na aula);
- Exposição, com a participação dos alunos do grupo para esclarecimento aos visitantes, e elaboração de um roteiro da exposição através de um folheto, em meio audiovisual ou em suporte informático;
- Documentário, a ser exibido na escola ou em outro local;
- Reportagem fotográfica que conduza a uma exposição;
- Debate, com apresentação de pequenas comunicações por parte dos alunos, a realizar na escola.

2.6. Avaliação

A avaliação da disciplina de Antropologia seguirá os princípios e normas definidos na Portaria nº 550-D/2004, de 21 de Maio, alterada pela Portaria n.º 259/2006, de 14 de Março.

Sem prejuízo da responsabilidade e da autonomia em matéria de avaliação atribuídas neste diploma ao professor, ao conselho de turma, aos órgãos de gestão da escola e aos serviços regionais e centrais do Ministério da Educação, adiantam-se seguidamente os termos da avaliação para a disciplina de Antropologia.

Na explanação das Unidades Didácticas que compõem os Temas do Programa não se esgotam os tempos lectivos previstos, deixando-se dez tempos lectivos para gestão dos professores, nomeadamente para processos de avaliação que recorram a práticas etnográficas (recolhas directas de campo como a realização de entrevistas, levantamentos áudio ou de imagem, etc.).

A) Componente de avaliação formativa

A avaliação formativa permitirá, por um lado, ajudar o estudante a aprender, reconhecendo as suas dificuldades, reformulando os seus métodos de trabalho e reconstruindo os seus saberes; por outro, contribuirá para a obtenção de informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, permitindo ao professor o ajustamento e aperfeiçoamento das estratégias de ensino-aprendizagem.

No decurso do ano lectivo e acompanhando o processo de ensino-aprendizagem do programa, esta modalidade de avaliação poderá concretizar-se através da realização de pequenos trabalhos, recorrendo à apresentação oral e/ou multimédia, à execução de fichas de leitura e *dossiers*, utilizando as TIC como recurso.

B) Componente de avaliação sumativa

A avaliação sumativa terá lugar em momentos determinados ao longo do ano, com a conseqüente classificação dos alunos. Tendo em atenção o rigor necessário nesta fase da avaliação, ela terá de ter em conta os diferentes objectos/instrumentos de avaliação. Por isso, os testes escritos não podem ser considerados os únicos elementos objectivos/instrumentos da avaliação, nem a avaliação sumativa se poderá reduzir a uma simples média aritmética dos diferentes parâmetros de avaliação.

Esta modalidade de avaliação deverá compreender a realização de, pelo menos, uma prova escrita de avaliação de conhecimentos em cada período, sugerindo-se a realização de um pequeno trabalho de investigação no decurso do terceiro período.

2.7. Recursos

Os docentes deverão explorar os recursos locais que possam contribuir para a apreensão de conhecimentos por parte dos alunos.

Na escola deverão ser criadas condições que permitam a utilização dos seguintes recursos: projector multimédia e de diapositivos, retroprojector, gravadores de áudio e de vídeo, máquina fotográfica, PC com acesso à Internet, entre outros.

A APA, Associação Portuguesa de Antropologia, em colaboração com outras instituições, tornará acessíveis os meios audiovisuais relevantes para o estudo e a abordagem de alguns dos temas contemplados no programa. A APA

disponibilizará também fontes de informação sobre Antropologia que possam ser facilmente consultadas através da Internet.

Indicam-se, em seguida, endereços de algumas instituições de maior relevância para o estudo da Antropologia em Portugal, as quais podem, também, disponibilizar fontes de informação importantes para a disciplina.

2.7.1 Faculdades/Institutos

FCSH/UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Departamento de Antropologia

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C

1069-061 LISBOA

<http://www.fsch.unl.pt/cursos/lic-antropo-apres.asp>

FCTUC – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Departamento de Antropologia

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade de Coimbra

3000-056 COIMBRA

<http://www.antrop.uc.pt/>

ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Pólo Universitário do Alto da Ajuda

Rua Almerindo Lessa

1349-055 LISBOA

<http://www.iscsp.utl.pt/>

ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Edifício ISCTE

Av. das Forças Armadas

1600-083 LISBOA

<http://www.iscte.pt>

UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pólo de Miranda do Douro

Rua de D. Dinis, s/n

5210-217 MIRANDA DO DOURO

<http://www.utad.pt/pt/index.asp>

2.7.2 Centros de Investigação

CACS – Centro de Antropologia Cultural e Social

Instituto de Investigação Científica Tropical

Rua da Junqueira, n.º 86 - 1º

1300-344 Lisboa

CEAA – Centro de Estudos Africanos e Asiáticos

Instituto de Investigação Científica Tropical

Rua da Junqueira, n.º 86 - 1º

1300-344 Lisboa

CEAA – Centro de Estudos de Antropologia Aplicada

Departamento de Ciência Política e do Comportamento, Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349,

4249-004 PORTO

CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social

ISCTE

Edifício ISCTE

Av. das Forças Armadas

1600-083 LISBOA

CEEP – Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C

1069-061 LISBOA

CEMME – Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C

1069-061 LISBOA

CEU – Centro de Etnologia Ultramarina

Instituto de Investigação Científica Tropical

Rua da Junqueira, n.º 86 - 1º

1300-344 Lisboa

CIA – Centro de Investigação em Antropologia

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade de Coimbra

3000-056 Coimbra

ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
Av. Professor Aníbal Bettencourt, 9
1600-189 LISBOA

ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho
Campus de Gualtar
4710-057 Braga

2.7.3 Outras Instituições

Associação Portuguesa de Antropologia
Edifício do ICS
Av. Professor Aníbal Bettencourt, 9
1600-189 LISBOA

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
Faculdade de Ciências do Porto
Praça Gomes Teixeira
4050 PORTO

Sociedade de Geografia de Lisboa
Rua das Portas de St.º Antão 100
1150 Lisboa

Museu Nacional de Etnologia
Avenida Ilha da Madeira
1400-203 Lisboa

Centro Regional das Artes Tradicionais
R. Reboleira, 33/-7
4050-492 PORTO

Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais
Instituto Superior de Agronomia
Tapada da Ajuda
1349-017 Lisboa

3. Desenvolvimento do Programa

TEMA 1 – O que é a Antropologia? Tempos lectivos previstos: 7	UNIDADE DIDÁCTICA 1 – O que é a Antropologia? Tempos lectivos previstos: 2
---	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
O que é a Antropologia? Breve história da disciplina	Antropologia Etnologia Etnocentrismo Cultura Diversidade cultural Relativismo Evolucionismo	Analisar relatos de viagem. Situar os discursos no tempo e no espaço. Analisar o ponto de vista do observador. Debater a ideia da superioridade cultural e a inconsistência das teses evolucionistas.	Comparar relatos de viajantes com relatos antropológicos. Identificar, com base em guias turísticos da região, as diferenças entre este tipo de relato e o discurso antropológico. Identificar traços culturais próprios do universo social a que pertencem os alunos e confrontá-los, com recurso a bibliografia ou documentos filmicos, com os existentes em outros meios sociais.

TEMA 1 – O que é a Antropologia?	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – Os domínios da Antropologia Tempos lectivos previstos: 2
---	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
A Antropologia e as outras ciências sociais As subáreas da Antropologia: a Antropologia Biológica e a Antropologia Social e Cultural O objecto e o método da Antropologia	Interdisciplinaridade “Facto social total” Holismo	Compreender o ser humano na sua multiplicidade. Entender o individuo humano como ser biológico, cultural e social. Analisar os factos sociais como totalidades.	Identificar actividades humanas em que sejam patentes as capacidades específicas do ser humano: falar, escrever, produção de instrumentos, arte, ritualizações, etc.

TEMA 1 – O que é a Antropologia?	UNIDADE DIDÁCTICA 3 – Trabalho de campo/método etnográfico Tempos lectivos previstos: 2
---	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>O que fazem os antropólogos</p> <p>A construção teórica em Antropologia: do trabalho de campo à monografia</p> <p>A Antropologia e a análise comparada das sociedades</p>	<p>Observação participante</p> <p>Etnografia</p> <p>Etnologia</p> <p>Antropologia</p> <p>Objectividade</p> <p>Subjectividade</p> <p><i>Emic e Etic</i></p>	<p>Analisar o(s) conceito(s) e as práticas inerentes à produção do saber antropológico: o observador e o observado; a perspectiva <i>emic</i> e o ponto de vista <i>etic</i>.</p> <p>Compreender a importância do recurso aos textos teóricos.</p> <p>Analisar o espaço social restrito como espaço de interacção.</p>	<p>Recolha de dados com base na experiência do quotidiano próximo dos alunos: genealogias e redes de parentesco, levantamento de profissões, cartografias do espaço físico e dos espaços sociais, histórias tradicionais, etc.</p> <p>Recurso a vários métodos de recolha de informação que complementem os elementos recolhidos (estatísticas, fotos e meios audiovisuais, jornais, etc.). Compilação de dados.</p>

TEMA 1 – O que é a Antropologia?	UNIDADE DIDÁCTICA 4 – Noção holística de cultura, noções comuns de cultura Tempos lectivos previstos: 1
---	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>O conceito de cultura, nos seus sentidos comuns</p> <p>A noção holística de cultura</p> <p>Cultura, modos e estilos de vida</p>	<p>Cultura</p> <p>Estilos de vida</p> <p>Senso comum</p>	<p>Analisar o(s) conceito(s) de cultura.</p> <p>Confrontar as noções de senso comum com conceitos operatórios de cultura.</p> <p>Identificar dimensões culturais em formas de vida social.</p>	<p>Inventário de definições espontâneas de cultura por parte dos alunos. Discussão dos contextos em que surge a noção de cultura. Inventário de estilos de vida constitutivos de práticas culturais.</p>

TEMA 2 – Natureza e cultura Tempos lectivos previstos: 17	UNIDADE DIDÁCTICA 1 – O animal humano Tempos lectivos previstos: 2
---	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
O homem como primata Primatas humanos e não-humanos Mecanismos da Evolução O genoma humano	Primata Teoria Evolutiva Seleção Natural Especiação Gene Hereditariedade Genoma humano	Abordar a relação biológica entre os homens e os primatas, em especial os grandes símios. Reflectir sobre as classificações taxonómicas. Conhecer a teoria evolutiva actualmente mais aceite, discutindo as diferenças entre teoria e ideologia ou crença. Analisar as implicações culturais das descobertas genéticas recentes.	Comparação de algumas das nossas características anatómicas com as de outros primatas (p. ex., mãos do macaco capuchinho, do chimpanzês e do homem). Comparar posturas e gestos entre humanos e primatas. Sugere-se, como recurso, o uso de documentários em vídeo sobre primatas. Discussão sobre os dados conhecidos na investigação do genoma humano.

TEMA 2 – Natureza e cultura	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – Evolução humana Tempos lectivos previstos: 3
------------------------------------	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
A divergência da linha dos homínídeos O processo de hominização As grandes etapas do processo de hominização: libertação da mão, verticalidade, aparecimento da linguagem humana, desenvolvimento do cérebro Paleoantropologia e Etologia	Hominídeo Hominização Bipedismo Linguagem Encefalização Etologia	Conhecer os dados fundamentais sobre o processo de hominização e evolução paleontológica da humanidade. Conhecer os principais marcos da evolução humana. Abordar a complementaridade entre a Paleoantropologia e Etologia para uma melhor compreensão da Evolução humana.	Cartografia das principais descobertas paleoantropológicas. Apresentação de alguns primatas como modelos na evolução humana.

TEMA 2 – Natureza e cultura	UNIDADE DIDÁCTICA 3 – Unidade e diversidade dos grupos humanos Tempos lectivos previstos: 2
------------------------------------	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Aparecimento e dispersão da espécie humana Diversidade fenotípica e genotípica: diversidade dos grupos humanos Adaptação humana O desenvolvimento da humanidade e os processos de diferenciação	Dispersão Genotipo e fenótipo Diversidade humana Adaptação Plasticidade biológica	Conhecer os dados fundamentais sobre o aparecimento da nossa espécie, <i>Homo sapiens</i> , e a sua dispersão pela Terra. Compreender os mecanismos que conduziram à diversidade dos grupos humanos actuais. Analisar criticamente discursos de senso comum sobre a <i>raça</i> . Mostrar as evidências científicas sobre a diversidade das adaptações ecológicas humanas.	Cartografia da dispersão e distribuição espacial dos primeiros grupos humanos. Discussão do conceito de <i>raça</i> e dos factores fenotípicos em que assentam as suas diferenciações. Comparar as adaptações anatómicas a um clima frio com as adaptações anatómicas a um clima tropical.

TEMA 2 – Natureza e cultura	UNIDADE DIDÁCTICA 4 – Comportamento e desenvolvimento tecnológico e cognitivo Tempos lectivos previstos: 3
------------------------------------	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
As primeiras ferramentas líticas O uso de ferramentas por outros animais Memória filogenética e aprendizagem comportamental A evolução da tecnologia lítica até ao aparecimento do Paleolítico Superior O surgimento do comportamento simbólico e o nascimento da arte Origem e evolução da linguagem	Ferramentas Tecnologia lítica Memória filogenética Revolução humana Simbolismo Arte Linguagem Adaptação cognitiva	Conhecer os dados existentes sobre o aparecimento e evolução do uso de ferramentas no decorrer do processo de hominização. Mostrar a transição de uma tecnologia lítica simples para uma tecnologia lítica associada a comportamentos simbólicos que conduziram à grande revolução humana do Paleolítico Superior. Compreender a importância da aprendizagem comportamental na transmissão cultural de conhecimento. Analisar a origem e evolução da linguagem humana, evidenciando o seu carácter simbólico e o seu papel na transmissão de conhecimento.	Visita de estudo a museus e/ou exposições sobre evolução humana e ferramentas líticas. Cartografia das relações entre as várias línguas do mundo. Comparação de expressões corporais denotadoras de emoções universais em distintos grupos humanos.

TEMA 2 – Natureza e cultura	UNIDADE DIDÁCTICA 5 – Biologia e cultura Tempos lectivos previstos: 2
------------------------------------	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Cultura e evolução As bases biológicas do comportamento Comportamento Social e de cooperação Seleção sexual e estratégias de acasalamento	Transmissão cultural Etologia social Altruísmo Seleção sexual Investimento parental	Analisar a imbricação entre processos biológicos e sociais na evolução da humanidade. Discutir as explicações biológicas para o comportamento humano como forma de melhor compreensão da nossa biologia e não como forma de justificação do nosso comportamento. Analisar a importância da selecção sexual na evolução dos aspectos cognitivos do comportamento humano.	Comparar determinados comportamentos humanos com os seus correspondentes em primatas não-humanos, recorrendo a meios audiovisuais e à pesquisa na Internet. Realizar um pequeno questionário sobre o porquê das práticas de determinados actos altruístas (p. ex., dar sangue, salvar um desconhecido de se afogar, etc.).

TEMA 2 – Natureza e cultura	UNIDADE DIDÁCTICA 6 – Construções culturais do corpo Tempos lectivos previstos: 3
------------------------------------	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
A distinção entre sexo e género: o biológico e o cultural Corpo e sexualidade Género e desigualdade Corpo e classificações culturais Codificação cultural de comportamentos biológicos Interdito (tabu), prescrições e proscricções Percepção sensorial e construção social dos sentidos e das emoções	Sexo Género Universais da cultura Socialização Tabu	Compreender a articulação entre o biológico e o cultural. Conhecer dimensões culturais comuns das diferentes sociedades humanas. Conhecer as diferenças na percepção social dos géneros. Evidenciar formas de socialização culturalmente construídas segundo o género. Analisar as implicações da distinção de género no acesso assimétrico a recursos. Conhecer os contributos de outras disciplinas no estudo da problemática do género.	Levantamento de áreas de comportamento ligadas a interditos na sociedade a que pertencem os alunos – interditos e prescrições de carácter religioso, público, individual relacionados com a expressão de emoções, comportamentos alimentares, estratégias matrimoniais, etc. Estabelecer comparações e contrastes com o observado em outras sociedades. Inventariar, com o recurso a bibliografia, universais da cultura. Utilizar dados da demografia histórica, como os relativos à procriação, à esperança de vida e à idade no casamento, para ilustrar a influência dos comportamentos culturais e sociais nas dimensões biológicas. Analisar as formas de socialização como preparação para desempenhos futuros segundo o género Pesquisar sobre situações reveladoras de assimetrias entre o masculino e o feminino.

TEMA 2 – Natureza e cultura	UNIDADE DIDÁCTICA 7 – Artes do corpo Tempos lectivos previstos: 2
------------------------------------	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Práticas higienistas, terapêuticas e decorativas A expressão física de conceitos As linguagens do corpo Corpo, aprendizagem e ritual Corpo, incorporação, <i>habitus</i>	Técnicas do corpo Ritual Incorporação <i>Habitus</i>	Analisar áreas particulares de expressão de códigos culturais com incidência corporal (o belo, o saudável, o limpo, o sujo, o normal, o patológico, etc.). Conhecer o corpo como objecto portador de sentido e alvo de manipulação (adornos, modificação, etc.). Analisar a relação corpo, cultura e posição social.	Levantamento e comparação das marcas e decorações corporais mais correntes: adereços de vestuário, maquilhagem, adornos capilares, perfurações, incorporações, tatuagens, mutilações, escarificações, etc. Comparação dos usos do corpo próprios da cultura do aluno com códigos corporais de outras culturas. Ligação dos códigos corporais à idade, ao género e ao estatuto social.

TEMA 3 – A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história Tempos lectivos previstos: 12	UNIDADE DIDÁCTICA 1 – Sociedades de caçadores-recolectores Tempos lectivos previstos: 2
---	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Sociedades de caçadores-recolectores A troca Organização social O carácter relativamente igualitário destas sociedades As sociedades de caçadores-recolectores, a Antropologia e a História (a análise do presente, base da reconstituição do passado)	Modo de subsistência Caça Recolecção Bando Troca	Identificar as características principais das sociedades de caçadores-recolectores. Conhecer a distribuição destas sociedades no espaço e no tempo. Compreender a importância das actividades próprias das sociedades de caçadores-recolectores para a história da humanidade. Reconhecer a existência destas actividades em sociedades que não assentam nesse modo de subsistência. Salientar a colaboração interdisciplinar, em particular com a História, na abordagem destas problemáticas.	Elaboração de mapas que contemplem a evolução histórica da presença destas sociedades. Observação de práticas de caça, pesca e recolha de alimentos. Recolha de testemunhos orais sobre essas práticas, bem como de informação fotográfica e em suporte vídeo. Recolha de documentação em fontes escritas sobre essas práticas. Realização de exposições com base nas recolhas. Visita a museus etnográficos.

TEMA 3 – A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – Sociedades pastoris Tempos lectivos previstos: 2
--	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Caracterização das sociedades pastoris Evolução histórica da actividade pastoril Organização social pastoril: parentesco e poder A pastorícia em sociedades não pastoris Território e pastorícia	Pastorícia Sociedade pastoril Nomadismo Linhagem Clã	Compreender a noção de pastorícia. Conhecer a importância das sociedades pastoris no presente e no passado. Entender as formas de organização social próprias destas sociedades. Destacar o papel diferenciado da actividade pastoril em diferentes sociedades. Reconhecer a importância da abordagem multidisciplinar no estudo das sociedades pastoris.	Realização de pequenos trabalhos de campo relativos à pastorícia. Levantamentos fotográficos e em suporte vídeo. Recolha de testemunhos orais de pastores nas zonas onde existe esta actividade. Inventário de práticas ligadas à pastorícia (ordenha, fabrico de queijo), incluindo as de carácter religioso (bênção de gados, romarias). Reconhecimento de itinerários de transumância e de pastagens. Recolha de documentação etnográfica sobre a pastorícia. Realização de exposição com base nas recolhas efectuadas. Elaboração de quadro que contemple modalidades diferenciadas da actividade pastoril. Visita a museus etnográficos.

TEMA 3 – A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história**UNIDADE DIDÁCTICA 3 – Sociedades agrárias**

Tempos lectivos previstos: 4

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Sociedades agrárias Organização social A família como unidade básica de produção O campesinato Produção para a auto-subsistência e produção para o mercado As sociedades agrárias, o desenvolvimento do estado e das grandes religiões A estratificação social Território, ambiente e actividade agrícola	Agricultura Campesinato Produção Auto-subsistência Mercado Estado Religião Estratificação social	Identificar formas diferenciadas de agricultura. Distinguir entre produção para a auto-subsistência e produção para o mercado. Compreender a evolução histórica da agricultura. Situar a actividade agrícola no conjunto das actividades sociais. Compreender as implicações sociais, políticas e religiosas do desenvolvimento da agricultura. Conhecer as disciplinas com contributos de destaque no estudo da actividade agrícola. Salientar a importância de uma abordagem pluridisciplinar no estudo das sociedades agrárias.	Realização de pequenos trabalhos de campo em zonas agrícolas contemplando uma ou mais formas de actividade agrícola. Realização de entrevistas ou trabalhos sobre pequenas histórias de vida com agricultores. Levantamentos fotográficos ou em suporte vídeo sobre essas actividades. Observação das consequências territoriais da actividade agrícola. Recolha de documentos etnográficos escritos sobre a agricultura. Realização de exposição com base nas recolhas efectuadas. Elaboração de mapas e quadros referentes à evolução histórica da actividade agrícola. Visita a museus etnográficos.

TEMA 3 – A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história

UNIDADE DIDÁCTICA 4 – Sociedades industriais

Tempos lectivos previstos: 4

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Sociedades industriais As diferentes formas da actividade industrial Distribuição espacial das sociedades industriais As sociedades industriais e o crescimento do mundo urbano A sociedade industrial e a estratificação social O sistema mundial moderno Indústria, território e ambiente	Indústria Sociedade industrial Urbanização Sistema-mundo Poluição	Salientar a especificidade da era industrial. Analisar as implicações ambientais, sociais, culturais e políticas da industrialização. Compreender a distribuição desigual dos processos de industrialização. Referir as implicações da industrialização na criação do mundo actual. Identificar as disciplinas cujos contributos são mobilizáveis para o estudo destas problemáticas.	Realização de levantamento fotográfico ou em suporte vídeo sobre actividade industrial e espaços sociais em que ela tem lugar. Recolha de testemunhos orais de agentes envolvidos na indústria. Levantamento fotográfico e em suporte vídeo sobre focos de poluição ou unidades de tratamento de resíduos. Análise de quadro sinóptico com a evolução da industrialização à escala mundial. Recolha de documentos centrados no impacto da industrialização. Realização de exposição com base nos trabalhos de recolha.

TEMA 4 – Formas de organização social Tempos lectivos previstos: 13	UNIDADE DIDÁCTICA 1 – A família e o parentesco Tempos lectivos previstos: 4
---	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>A família, unidade de produção e de reprodução e elemento estruturante da organização social</p> <p>A construção cultural do parentesco</p> <p>A dimensão biológica, a dimensão social e a dimensão cultural na organização familiar</p> <p>O parentesco ritual</p>	<p>Família</p> <p>Parentesco</p> <p>Casamento</p> <p>Filiação</p> <p>Descendência</p> <p>Incesto</p> <p>Monogamia</p> <p>Poligamia</p>	<p>Analisar as convenções culturais na construção das ideias de família e parentesco.</p> <p>Confrontar as diferentes formas de organização familiar na nossa sociedade e comparar com formas de organização familiar noutras sociedades.</p> <p>Compreender o papel da família como unidade de produção, reprodução e consumo.</p> <p>Demonstrar como na nossa sociedade as relações familiares são um elemento nuclear da vida social nas relações entre gerações, na coabitação, na socialização, na sucessão e herança, etc.</p> <p>Compreender a importância da colaboração com outras disciplinas, como História e a Sociologia, no estudo destes problemas.</p>	<p>Partindo das relações familiares dos alunos, levá-los a construir uma árvore genealógica.</p> <p>Mostrar a inserção individual de cada um na família e os vínculos de ligação com a mesma (residência, laços de dependência económica, laços afectivos, etc.).</p> <p>Chamar a atenção para os processos de construção/reprodução simbólica da unidade familiar: casamentos, baptizados, aniversários, funerais, festas de família, férias, álbum fotográfico de família, vídeos, etc.</p> <p>Comparar as várias formas de organização familiar na nossa sociedade e em outras sociedades e demonstrar as lógicas internas de cada um dos sistemas.</p>

TEMA 4 – Formas de organização social	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – A idade Tempos lectivos previstos: 3
--	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>A idade como factor da organização das sociedades</p> <p>Valorizações diferenciadas dos grupos etários</p> <p>Os rituais de iniciação como marcos de transição</p> <p>O conflito de gerações</p>	<p>Grupos de idade</p> <p>Amizade</p> <p>Rituais de iniciação</p> <p>Conflito de gerações</p>	<p>Conhecer os processos de crescimento e a forma como os indivíduos são socialmente classificados de acordo com o seu grupo etário.</p> <p>Analisar os laços de solidariedade entre indivíduos do mesmo grupo etário e as relações entre grupos de idades.</p> <p>Analisar a passagem de um grupo de idade para outro em diferentes sociedades.</p> <p>Analisar a forma como várias sociedades entendem grupos etários distintos como os dos “jovens” e os dos “velhos”.</p>	<p>Analisar comportamentos de grupos etários na sociedade envolvente.</p> <p>Classificar algumas actividades próprias de cada grupo etário, a começar pela objectivação das características do grupo etário a que pertencem os estudantes.</p> <p>Comparar revistas com públicos diversos e identificar as diferenças de conteúdos e de formas de os apresentar. Fazer o mesmo com programas de televisão.</p> <p>Analisar as atitudes face a distintos grupos de idade: crianças, adolescentes, adultos, idosos.</p> <p>Tentar entender de que modo são construídas as identidades dos grupos de idades na sociedade ocidental. Comparar com a forma como a idade é entendida noutras sociedades.</p>

TEMA 4 – Formas de organização social	UNIDADE DIDÁCTICA 3 – A etnicidade Tempos lectivos previstos: 3
--	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>A construção da noção de etnia</p> <p>O sujeito individual e a multiplicidade de identidades</p> <p>Etnia e nação</p> <p>Unidade e diversidade das manifestações etnonacionalistas</p> <p>As “minorias étnicas”</p>	<p>Etnia</p> <p>Identidade</p> <p>Nação</p> <p>Nacionalismo</p>	<p>Compreender os processos de construção identitária.</p> <p>Analisar os preconceitos relativos ao “outro” baseados no senso comum.</p> <p>Entender a importância dos conflitos etnonacionais na actualidade</p> <p>Perceber processos de exclusão social baseados em preconceitos étnicos.</p> <p>Reconhecer a importância da colaboração com outras disciplinas, como a História, a Sociologia e a Filosofia, no estudo destes problemas.</p>	<p>Confrontar imagens positivas e negativas de vários grupos e desmontar os estereótipos e preconceitos contidos quer numas quer noutras.</p> <p>Analisar os conteúdos da imprensa para detectar modos de representação de identidades étnicas (em contextos de trabalho, de desvio, etc.).</p> <p>Promover grupos de discussão com estudantes ou indivíduos de várias identidades étnicas.</p> <p>Cartografar conflitos etno-nacionais e fazer um breve historial dos mesmos.</p> <p>Realizar exposição sobre estas temáticas.</p>

TEMA 4 – Formas de organização social	UNIDADE DIDÁCTICA 4 – A estratificação social Tempos lectivos previstos: 3
--	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>Formas distintas de estratificação social (castas, grupos de <i>status</i> e classes)</p> <p>Poder, recursos e desigualdade social</p> <p>A organização social das sociedades sem Estado</p> <p>Estado, organização da sociedade e estratificação social</p> <p>Desigualdade, democracia e cidadania</p>	<p>Estado</p> <p>Casta</p> <p>Grupos de <i>status</i></p> <p>Classe</p> <p>Desigualdade social</p> <p>Democracia</p>	<p>Analisar as dimensões colectivas e públicas da organização social.</p> <p>Analisar as bases distintas em que assentam os processos de estratificação social.</p> <p>Compreender as diferenças existentes, em termos de estratificação social, entre as sociedades sem estado e as sociedades com estado.</p> <p>Identificar implicações da estratificação social em termos de acesso a recursos e em termos dos direitos de cidadania.</p> <p>Reconhecer a importância de uma abordagem pluridisciplinar no estudo do tema.</p>	<p>Comparar formas de estratificação assentes na classe com outras formas de estratificação.</p> <p>Comparar os critérios económicos de definição de classe, com formas de estratificação social existentes no passado (o caso da nobreza como “grupo de <i>status</i>”; a distinção entre “escravos” e “homens livres” e com formas de estratificação de base religiosa - como o sistema de castas).</p> <p>Evidenciar formas de construção e de manifestação de estratificação – em termos da distribuição de bens materiais (propriedade fundiária, imobiliária, capital investido), de estilos de vida (notória na adesão diferenciada à actividade desportiva, do futebol ao golfe), de recursos culturais (a existência ou não de acesso doméstico aos recursos proporcionados pelas novas tecnologias, as práticas de consumos culturais), etc.</p> <p>Analisar implicações da desigualdade para o exercício da cidadania (exemplos concretos ao nível do acesso a equipamentos como o computador e meios de comunicação como a Internet, ou à “info-exclusão”).</p>

TEMA 5 – A construção cultural das sociedades Tempos lectivos previstos: 15	UNIDADE DIDÁCTICA 1 – As coordenadas culturais do tempo e do espaço Tempos lectivos previstos: 3
---	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>O tempo e o espaço como dados objectivados e como construções culturais</p> <p>Convenções históricas e sociais na representação espacial (cartografia, em cima e em baixo, próximo e distante, eixos cardeais)</p> <p>Mapas mentais, calendários e ciclos temporais: calendários padrão e calendários particulares (lectivos, agrários, festivos, religiosos)</p>	<p>Espaço</p> <p>Tempo</p> <p>Tempo linear</p> <p>Tempo cíclico</p> <p>Cronologia</p> <p>Calendário</p>	<p>Analisar as convenções culturais na construção das noções e representações do tempo e do espaço.</p> <p>Analisar as relações entre os tempos individuais e os sociais.</p> <p>Mostrar a génese histórica e cultural de temporalidades específicas como os tempos do relógio e do calendário.</p> <p>Mostrar a génese da emergência de representações específicas do espaço como os mapas.</p> <p>Reconhecer a importância da colaboração entre disciplinas no tratamento desta problemática.</p>	<p>Mostrar a evolução de mapas mundiais e de cartografia local. Levantamento e estudo da toponímia.</p> <p>Elaboração de mapas subjectivos – percursos, relações, preferências, etc.</p> <p>Análise de calendários – das actividades lectivas e de festividades locais, da organização familiar do tempo, etc.</p> <p>Confronto entre calendários de base diferenciada (solar, lunar, cristão e de outras culturas).</p> <p>Mostrar a relação entre os trajectos de vida individual, o tempo, o espaço e a inserção social.</p>

TEMA 5 – A construção cultural das sociedades	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – Domínios do ritual Tempos lectivos previstos: 2
--	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>O ritual</p> <p>Ritos de passagem, idade e género</p> <p>Ritos de instituição</p> <p>Rituais cívicos e rituais religiosos</p>	<p>Ciclo de vida</p> <p>Ritual</p> <p>Rito de passagem</p> <p>Rito de instituição</p>	<p>Compreender a inscrição de um tempo cultural no ciclo de vida individual e biológico.</p> <p>Evidenciar as dimensões rituais do ciclo de vida individual e a sua inscrição numa ordem social.</p> <p>Identificar a presença do ritual em múltiplas dimensões da vida social.</p>	<p>Efectuar levantamentos sobre ritos de passagem: nascimento, puberdade, casamento, morte.</p> <p>Analisar a inscrição do ciclo de vida biológico individual no tempo mais longo do grupo de pertença, através de rituais como os dos aniversários em família, festas, funerais. Mostrar como eles estão ligados à preservação de relações sociais.</p> <p>Abordar a presença do ritual na vida quotidiana, exemplificando com elementos das regras de etiqueta ou com exemplos retirados da vida religiosa e da vida pública (tomadas de posse, comícios, etc.).</p>

TEMA 5 – A construção cultural das sociedades	UNIDADE DIDÁCTICA 3 – A religião na vida social Tempos lectivos previstos: 4
--	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
O sagrado e o profano Magia e religião Mitos e cosmologias A diversidade das religiões Politeísmo e monoteísmo As instituições religiosas Religiosidades no mundo contemporâneo	Sagrado Profano Magia Religião Mito Politeísmo Monoteísmo	Analisar a diversidade da experiência religiosa. Evidenciar a especificidade da esfera do sagrado. Objectivar o papel do mito na organização da sociedade. Mostrar as implicações da escrita na religião. Analisar as consequências da organização social para a estruturação do campo religioso. Colaborar com outras disciplinas no tratamento destas matérias.	Levantamento de feriados e formas de celebração e participação social na vida religiosa. Abordagem de manifestações religiosas (festas, rituais, procissões) próprias do contexto de experiência dos alunos. Comparação de formas de vivência religiosa da cultura própria com outras culturas. Análise sobre distintas formas de religiosidade presentes na própria sociedade portuguesa – catolicismo, protestantismo, islamismo, judaísmo, etc. Análise de histórias e lendas de um tempo mítico – de feitiçaria, de quando os animais falavam, dos “mouros”, etc.

TEMA 5 – A construção cultural das sociedades	UNIDADE DIDÁCTICA 4 – A memória social Tempos lectivos previstos: 3
--	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Memória social Memória e história Tradições e transmissão cultural A “invenção da tradição” Memória e identidade	Memória social Identidade Tradição	Analisar a memória social como processo. Mostrar a articulação entre memória individual e memória social. Mostrar a articulação entre memória e identidade. Analisar as dimensões colectivas e públicas da construção de um uma “memória oficial”. Mostrar diferenças entre diversos procedimentos de construção e conservação da memória: oralidade, escrita, rituais, cerimónias, etc. Analisar criticamente o conceito de tradição e discutir a sua importância na construção de matrizes identitárias.	Recolha de pequenas “histórias de vida” ou relatos autobiográficos de sujeitos mais velhos, familiares ou próximos dos alunos. Com base nos mesmos, identificar e analisar a articulação entre o individual e o social, a recordação e a identidade. Abordagem de meios de construção de uma memória no próprio contexto escolar (p. ex., os arquivos da escola, a construção de mitos internos, etc.). Abordagem de meios de construção de uma memória no contexto familiar – álbuns de família, campas e sepulturas, celebrações, transmissão de recordações, etc. Abordagem de meios de construção pública de uma memória histórica – celebrações do “25 de Abril”, do “Dia de Portugal” ou do “5 de Outubro”, feriados locais, etc.

TEMA 5 – A construção cultural das sociedades	UNIDADE DIDÁCTICA 5 – O oral e o escrito Tempos lectivos previstos: 3
--	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>Sociedades sem escrita e sociedades da escrita</p> <p>A fixação pelo escrito e a reprodução da experiência social</p> <p>Consequências cognitivas da escrita</p> <p>O oral, o escrito e a história</p> <p>Escrita e poder</p> <p>As tecnologias da informação e da comunicação</p>	<p>Culturas ágrafas</p> <p>Culturas da escrita</p> <p>Comunicação</p> <p>Novas tecnologias</p>	<p>Diferenciar os processos culturais em sociedades sem escrita e em sociedades onde a mesma tem lugar preponderante.</p> <p>Destacar as implicações, no plano da cognição, da comunicação oral e da comunicação escrita.</p> <p>Mostrar a relação entre o desenvolvimento da comunicação escrita, a economia, os saberes especializados e o poder.</p> <p>Compreender o processo de construção do domínio civilizacional das sociedades que dependem da comunicação escrita.</p> <p>Compreender as implicações das tecnologias da informação e da comunicação na organização da sociedade contemporânea.</p>	<p>Investigar, através de pequenos trabalhos de campo, relatos de memória oral de factos passados e compará-los com as suas versões escritas (na imprensa, por exemplo).</p> <p>Mostrar implicações cognitivas do escrito através, por exemplo, do recurso a mapas e calendários, que permitem representar abstractamente espaço e tempo; confrontar com evocações orais do espaço e do tempo.</p> <p>Levantamento de dados relativos a domínios da recordação oral: saberes técnicos, cancionero “tradicional”, jogos, etc.</p> <p>Mostrar a relação entre escrita e poder através de documentos que produzem efeitos em termos de poder: testamentos, inventários de bens e em geral todos os registos oficiais.</p> <p>Analisar as implicações das novas tecnologias da informação e da comunicação, recorrendo à experiência de utilização das mesmas por alunos e professores.</p>

TEMA 6 – Formas de poder, dominação, resistência Tempos lectivos previstos: 12	UNIDADE DIDÁCTICA 1 – O poder e as suas formas Tempos lectivos previstos: 4
--	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>As formas de poder como controlo de recursos: diversidade e convergência</p> <p>O poder decorrente das relações sociais (de parentesco, clientela, ou do sistema de estratificação)</p> <p>O poder decorrente da produção e distribuição de bens</p> <p>O poder derivado de representações da sociedade</p> <p>O poder assente no controlo da força armada</p> <p>O poder político e a combinação de formas de poder</p>	<p>Poder social</p> <p>Poder económico</p> <p>Poder ideológico</p> <p>Poder militar</p> <p>Poder político</p>	<p>Analisar o papel do poder na estruturação das sociedades.</p> <p>Identificar formas de manifestação de poder presentes no quotidiano.</p> <p>Identificar centros de poder na sociedade actual.</p> <p>Reconhecer a importância da perspectiva interdisciplinar no estudo destes temas.</p>	<p>Estudo da organização do espaço e da arquitectura enquanto formas de distribuição e exercício do poder (análise da distribuição residencial urbana, em função do poder social ou económico dos residentes; importância dos lugares militares: castelos, quartéis, etc.)</p> <p>Realização de levantamento fotográfico sobre lugares de exercício do poder (praças e ruas emblemáticas do poder de estado, etc.), de símbolos de poder (bandeiras, monumentos, edifícios, etc.).</p> <p>Análise de momentos específicos de exercício do poder, de manifestações ao nível das autarquias a processos de dimensão internacional como a aplicação de Directivas comunitárias ou a aplicação de sanções internacionais.</p> <p>Observação de rituais do poder (eleições, tomadas de posse, comemorações, etc.).</p> <p>Recurso à Internet (através de motores de busca) para pesquisar espaços e momentos de exercício do poder; recurso a documentários.</p>

TEMA 6 – Formas de poder, dominação, resistência	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – Sociedades com Estado e sociedades sem Estado Tempos lectivos previstos: 2
---	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>As sociedades acéfalas</p> <p>O Estado, forma específica de estruturação do poder</p> <p>O Estado, a imbricação das diferentes formas de poder e processos de dominação</p> <p>As redes de poder informal</p>	<p>Estado</p> <p>Sociedade acéfala</p> <p>Dominação</p> <p>Rede</p>	<p>Conhecer a diversidade das formas de distribuição do poder na sociedade.</p> <p>Reconhecer as implicações da presença ou ausência de Estado.</p> <p>Identificar o Estado como forma de poder.</p> <p>Destacar as associações entre formas de poder.</p> <p>Reconhecer a importância da perspectiva interdisciplinar no estudo destes temas.</p>	<p>Levantamento comparativo das formas de que se reveste o poder em sociedades com Estado e sem Estado.</p> <p>Abordar manifestações específicas do poder do Estado: o monopólio da definição de cidadania, a instituição de direitos e deveres do cidadão, etc.</p> <p>Analisar implicações do poder de Estado no plano da vida individual.</p> <p>Abordar a importância das organizações de poder informal: clientelas, grupos de pressão, etc.</p>

TEMA 6 – Formas de poder, dominação e resistência**UNIDADE DIDÁTICA 3 – Dominação, ideologia, visões do mundo, resistência**

Tempos lectivos previstos: 3

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
A dominação como exercício de diversas formas de poder A ideologia como sistema cultural Visões do mundo e hegemonia Pluralidade das visões do mundo e manifestações de resistência	Dominação Ideologia Visão do Mundo Hegemonia Resistência	Reconhecer a articulação entre as diversas formas de poder. Mostrar como as ideologias se apresentam como totalidades (visões do mundo) constituindo sistemas culturais. Assinalar as relações entre uma perspectiva dominante e outras visões do mundo. Assinalar a pluralidade de visões do mundo no âmbito da sociedade. Evidenciar a presença de representações culturais ligadas à dominação e representações críticas da mesma. Reconhecer a importância da perspectiva interdisciplinar no estudo destes temas.	Recolha de documentação referente a visões do mundo contrastantes (como as visões do mundo religiosas e laicas), ou a variações internas na mesma visão do mundo (entre “fundamentalistas” e outros). Recolha de documentação impressa (jornais, material bibliográfico, material literário referente a contextos de sátira sobre as visões hegemónicas (romanceiros, romances, contos, peças de teatro, poesia popular e erudita, como as “Cantigas de Escárnio e Mal-dizer”) e de manifestações de paródia de visões dominantes (como as que têm lugar com o Carnaval). Utilização de recursos disponíveis <i>on-line</i> para a análise destes tópicos da actualidade (nos motores de busca, a grande informação de referência portuguesa ou internacional, etc.).

TEMA 6 – Formas de poder, dominação e resistência	UNIDADE DIDÁTICA 4 – Conflito e Movimentos sociais Tempos lectivos previstos: 3
--	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>Conflito e consenso como componentes da vida social</p> <p>Movimentos sociais rurais</p> <p>Movimentos sociais urbanos</p> <p>Visões do mundo contrastantes e conflito</p> <p>Estratificação cultural e conflito</p>	<p>Conflito</p> <p>Movimento Social</p> <p>Grande Tradição</p> <p>Pequena Tradição</p>	<p>Reconhecer a existência do conflito e do consenso como componentes definidoras da vida social.</p> <p>Identificar formas de conflito e de resistência.</p> <p>Evidenciar as especificidades dos movimentos sociais rurais e urbanos.</p> <p>Identificar os conflitos internos aos sistemas culturais (como os identificados pelos conceitos de Grande e Pequena Tradição).</p> <p>Reconhecer a importância da perspectiva interdisciplinar no estudo destes temas.</p>	<p>Recolha de documentação (jornais, material bibliográfico) e de narrativas sobre conflitos.</p> <p>Recurso aos debates contemporâneo e em curso, através das novas tecnologias da informação – em torno de questões como a pobreza, a exclusão social, a globalização, a integração das minorias étnicas, a aceitação de práticas culturais “exógenas”, as relações de género, etc. – para mostrar a existência de uma pluralidade de visões e do conflito.</p> <p>Recolha de material literário e etnográfico que constitua uma ilustração dos conflitos entre Grande e Pequena Tradição (como os existentes entre “religião” e “magia”, etc.).</p> <p>Realização de exposição sobre conflitos, confrontando situações presentes com o passado.</p>

TEMA 7 – A diversidade das culturas humanas no passado e no presente

Tempos lectivos previstos: 13

UNIDADE DIDÁCTICA 1 – A diversidade cultural e o impacto da dominação colonial

Tempos lectivos previstos: 4

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>O colonialismo</p> <p>A dominação colonial europeia na América, na Ásia, em África e na Oceânia (séculos XV-XX)</p> <p>A descolonização</p> <p>A situação pós-colonial nos novos estados-nação</p> <p>As relações entre antigas metrópoles e antigas colónias</p>	<p>Colonialismo</p> <p>Imperialismo</p> <p>Descolonização</p> <p>Multiculturalismo</p> <p>Interculturalismo</p>	<p>Identificar os vínculos decorrentes dos laços coloniais entre os antigos centros coloniais e as ex-colónias.</p> <p>Analisar as implicações da coexistência de culturas muito distintas num mundo sem hierarquias culturais postuladas (multiculturalismo).</p>	<p>Fazer um levantamento do tipo de culturas existentes no momento do contacto colonial: sociedades de caçadores-recolectores, agro-pastoris, com ou sem Estado, etc.</p> <p>Recolher dados sobre as chamadas grandes civilizações pré-coloniais (como a Inca, a Azteca, ou a Maia, no caso da América Latina; a civilização chinesa ou a indiana e a japonesa, no caso da Ásia, antes da chegada dos europeus).</p> <p>Mostrar como as divisões introduzidas pela colonização não coincidem com outras divisões culturais (como as étnicas), em África, na Ásia ou a América.</p> <p>Referir a existência de espaços internacionais derivados de anteriores relações coloniais, formalizados ou não (como a Commonwealth, a comunidade internacional lusófona, a Organização dos Estados Ibero-Americanos), como a partilha de uma mesma língua oficial, a persistência de relações económicas, culturais e sociais privilegiadas, etc.</p> <p>Apresentar cartografia da descolonização.</p> <p>Identificar problemas da actualidade das antigas colónias europeias – subdesenvolvimento, pobreza, limitações dos direitos de cidadania, etc.</p> <p>Analisar implicações da colonização e da descolonização para os antigos poderes coloniais: a sua inserção numa ampla comunidade de falantes (como sucede com a Lusofonia), a imigração e o usufruto de direitos de cidadania, aquisições culturais distintas (ao nível da música, da culinária, da linguagem, etc.).</p>

TEMA 7 – A diversidade das culturas humanas no passado e no presente	UNIDADE DIDÁCTICA 2 – Etnocentrismo e racismo Tempos lectivos previstos: 3
---	--

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>O contacto com o Outro e o pressuposto da superioridade cultural</p> <p>O impacto social e cultural da escravatura</p> <p>A visão racializada das culturas</p> <p>Implicações da hierarquia racial</p> <p>A crítica ao racismo</p>	<p>Estereótipo</p> <p>Etnocentrismo</p> <p>Escravatura</p> <p>Raça</p> <p>Racismo</p> <p>Xenofobia</p>	<p>Compreender a forma como são construídas e adoptadas perspectivas preconceituosas em relação ao “outro”.</p> <p>Analisar as bases do preconceito em geral e do preconceito racial em particular.</p> <p>Analisar a adopção de práticas discriminatórias e atitudes de intolerância.</p>	<p>Apresentação de textos e documentos internacionais referentes à raça e à crítica ao racismo (p. ex., declarações da Unesco, de 1950 e 1951, Declaração Universal dos Direitos do Homem, etc.).</p> <p>Contactar com as associações de imigrantes ou com os serviços do ACIME (Alto Comissário para a Imigração e as Minorias Étnicas), com informação disponível <i>on-line</i> no seu <i>site</i>, para conhecer políticas concretas contra o racismo e a xenofobia e materiais de propaganda sobre este tema.</p> <p>Promover o debate sobre o tema com alunos de proveniência (dita racial) distinta.</p>

TEMA 7 – A diversidade das culturas humanas no passado e no presente	UNIDADE DIDÁCTICA 3 – As culturas humanas na época da globalização Tempos lectivos previstos: 3
---	---

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<p>Universalização de valores</p> <p>Organizações à escala mundial</p> <p>Acesso diferenciado à ciência e à tecnologia</p> <p>A hegemonia cultural e a persistência da diferença</p> <p>A resistência ao processo de globalização</p>	<p>Globalização</p> <p>Sistema-mundo</p> <p>A nova ordem mundial</p> <p>Elites</p> <p>Migrações</p> <p>Pobreza</p> <p>Exclusão</p>	<p>Compreender as implicações culturais, sociais, políticas e económicas do processo de globalização.</p> <p>Compreender a forma como o sistema-mundo subentende uma nova ordem mundial assente na exploração de recursos e na sua distribuição diferenciada aumentando o fosso entre regiões e países ricos e pobres.</p> <p>Analisar o papel do FMI, do Banco Mundial, das organizações internacionais e das multinacionais.</p> <p>Analisar a emergência de movimentos sociais anti-globalização.</p> <p>Avaliar a dimensão dos conflitos ligados ao processo de globalização: fundamentalismos, movimentos etnonacionais, etc.</p>	<p>Com base em dados estatísticos caracterizar países ricos e países pobres a partir de diferentes indicadores: PIB <i>per capita</i>, indicadores demográficos, etc.</p> <p>Abordar o papel de instituições como a ONU ou o FMI.</p> <p>Analisar noticiários da televisão e ligar tipo de notícias a áreas e países, identificando as origens e as perspectivas veiculadas nessas notícias (contributos para a construção ideológica de um “próximo/nós” e de um “distante”outros”, por exemplo).</p> <p>Articular mundialização e predomínio de uma língua (inglês).</p> <p>Reconhecer as dimensões globais de expressões culturais: difusão de géneros musicais (<i>Jazz, Rock, Rap, Reggae...</i>), de culinárias (<i>fast-food</i>), de vestuário (<i>jeans</i>), de desporto, etc.</p>

TEMA 7 – A diversidade das culturas humanas no passado e no presente

UNIDADE DIDÁCTICA 4 – Universalidade dos direitos humanos e multiculturalidade

Tempos lectivos previstos: 3

CONTEÚDOS	CONCEITOS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
Declaração Universal dos Direitos Humanos Liberdade, igualdade e fraternidade Direitos de cidadania e direitos humanos Direitos, liberdades e garantias Universalidade dos direitos e género	Igualdade Liberdade Direitos humanos Cidadania Exclusão social	Analisar as circunstâncias e os contextos em que surgem as declarações relativas aos direitos humanos e a sua reivindicação de universalidade. Entender a dimensão das violações dos direitos humanos – paz, saúde, educação, etc. – e das liberdades – liberdade de associação política e religiosa, liberdade de imprensa, liberdade de expressão, etc. – no tempo presente. Analisar discursos de identidade cultural legitimadores de formas tidas como discriminatórias à luz de uma concepção universalista dos direitos humanos.	Com base nas declarações relativas aos direitos humanos, identificar grupos discriminados e excluídos (por exemplo, mulheres, grupos étnicos, estrangeiros, etc.). Analisar, comparativamente, situações de discriminação em outras sociedades (como, por exemplo, a das mulheres afegãs) e compará-las com formas de discriminação no passado (p. ex., a das mulheres em Portugal) e no presente na sociedade dos alunos. Abordar a acção de instituições empenhadas na defesa dos direitos humanos.

4. Bibliografia

- Obras acessíveis, recomendadas aos alunos.

A. Bibliografia geral

Obras essenciais

Barfield, T. (Ed.) (1997). *The dictionary of anthropology*. Oxford: Blackwell.

Um dicionário enciclopédico que junta a uma apresentação de problemáticas e conceitos de antropologia biografias de antropólogos de importância decisiva.

Bonte, P. & Izard, M. (Dir.) (1992). *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris: PUF.

Um dicionário enciclopédico com entradas distribuídas pelos grandes temas da antropologia, contendo igualmente pequenas biografias dos principais autores “clássicos” e uma breve panorâmica da situação e evolução da antropologia em diversos países.

Ingold, T. (Org.) (1994). *Companion encyclopedia of anthropology*. Londres: Routledge.

Não se trata de uma enciclopédia no sentido usual do termo. O volume reúne um conjunto desenvolvido de estudos que abrange um vasto leque de temas, que vão da abordagem dos processos de hominização a temas mais recentes em antropologia, reflectindo, deste modo, a pluralidade de objectos existente na disciplina.

Levinson, D. & Ember, M. (Eds.) (1996). *Encyclopedia of cultural anthropology*. Nova Iorque: Henry Holt.

A mais detalhada enciclopédia referente à antropologia, dispendo de excelente bibliografia.

Llobera, J. (1999). *Manual d'antropologia social*. Barcelona: Edicions de la Universitat Oberta de Catalunya.

Um manual actualizado que combina uma apresentação de diversos domínios da antropologia com uma interpretação histórica da evolução das sociedades humanas. No plano epistemológico, reivindica polemicamente um estatuto científico para a antropologia e é abertamente crítico das posições pós-modernas.

- Panoff, M. & Perrin, M. (1979). *Dicionário de etnologia*. Lisboa: Edições 70.

Um manual de iniciação acessível organizado sob a forma de dicionário.

Pereira, B. E. (1965). *Bibliografia analítica de etnografia portuguesa*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Um guia bibliográfico imprescindível da antropologia e da etnografia portuguesas até à data da sua publicação.

Smelser, N. J. & Baltes, P. B. (Eds.) (2001). *International encyclopedia of social & behavioral sciences*. Amsterdão: Elsevier.

A enciclopédia das ciências sociais mais completa e actualizada, que comporta entradas bastante desenvolvidas e valiosas respeitantes à antropologia.

Obras complementares

- Batalha, L. (2005). *Antropologia: Uma Perspectiva Holística*. Lisboa: ISCSP/UTL.

- Bernardi, B. (1982). *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70

- Copans, J. (1981). *Críticas e políticas da antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Copans, J. et al. (1998). *Antropologia: ciência das sociedades primitivas?* Lisboa: Edições 70.
- Dias, N. (Coord.) (1999). *Roteiro de museus: colecções etnográficas* (5 vols.). Lisboa: Olhachim.
- Gonçalves, A. C. (1992). *Questões de antropologia social e cultural*. Porto: Afrontamento.
- Ingold, T. (1996). *Key debates in anthropology*. Londres: Routledge.
- Rivière, C. (2000). *Introdução à antropologia*. Lisboa: Edições 70.

B. Bibliografia específica

Tema 1. O que é a Antropologia?

Obras essenciais

- Burgess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Apresentação de um conjunto de metodologias em ciências sociais, com destaque para as técnicas de observação directa conforme foram desenvolvidas pela prática dos estudos antropológicos.
- Cresswell, R. (1975). *Éléments d'ethnologie*. Paris: Armand Colin.
- Um conjunto de estudos sobre diversos domínios da antropologia que, embora marcado pela conjuntura da sua produção, continua a ser útil como abordagem de alguns dos principais temas da antropologia tal como estes se apresentavam na altura da sua publicação.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Uma obra de referência na defesa de uma posição interpretativista em Antropologia.
- Goody, J. (1998). *Cozinha, culinária e classes: um estudo de sociologia comparativa*. Oeiras: Celta.
- Uma defesa da Antropologia como sociologia comparativa com dimensão histórica.
- Mauss, M. (1972). *Manual de etnografia*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.

Obras complementares

- Ahmed, A. & Shore, C. (1995). *The future of anthropology: its relevance to the contemporary world*. Londres: Athlone Press.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia cabila*. Lisboa: Celta.
- Geertz, C. (2001). *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Godelier, M. (s.d.). *Horizontes da Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Heider, K. G. (1988). The Rashomon effect: When ethnographers disagree. *American Anthropologist*, 90, 73-81.
- Kuper, A. (1978). *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Kuper, A. (2002). *Cultura, a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: EDUSC.

- Leach, E. (1974). *Repensando a antropologia*. São Paulo: Perspectiva.
- Leal, J. (2000). *Etnografias Portuguesas (1870 - 1970): Cultura popular e identidade nacional*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Lévi-Strauss, C. (sd.). *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lévi-Strauss, C. (1993). *Antropologia estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lévi-Strauss, C. (1993). *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70.
- Malinowski, B. (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.
- Pina-Cabral, J. (1991). *Os contextos da antropologia*. Miraflores: Difel.
- Segalen, M. (Dir.) (1989). *L'autre et le semblable: regards sur l'ethnologie des sociétés contemporaines*. Paris: CNRS.
- Sperber, D. (1992). *O saber dos antropólogos*. Lisboa: Edições 70.
- Yáñez Casal, A. (1996). *Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica*. Lisboa: Cosmos.

Tema 2. Natureza e cultura

Obras essenciais

- AAVV (1997). *O que é a raça: Um debate entre a antropologia e a biologia*. Lisboa: Oikos.
 Diálogo entre antropólogos e biólogos sobre a construção equívoca da noção de *raça*, quer nas suas aplicações ideológicas comuns quer no património crítico de cada uma dessas disciplinas; o volume inclui um conjunto de pequenos ensaios, sob forma de comunicações, e a transcrição de um debate público a propósito desses mesmos ensaios.
- Amorim, A. (2002). *A Espécie das origens. Genomas, linhagens e recombinações*. Lisboa: Gradiva Publicações.
 Obra que aborda as explicações evolutivas para a diversidade dos seres vivos actuais, salientando o importante contributo da genética. O autor aborda a teoria da hereditariedade ausente na obra de Darwin, discutindo por que foi tão difícil aceitá-la.
- Chiarelli, B. (1990 [1984]). *Origem da sociabilidade e da cultura humana*. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.
 Obra em que se desenvolve uma abordagem das relações entre o homem e os outros primatas, como campo de discussão sobre as origens da cultura humana e das bases biológicas e etológicas das manifestações dessa cultura, através de temas como a comunicação, a acumulação de informações e a sua transmissão intergeracional, ou do desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento tecnológico e social do homem.
- Crespo, J. (1990). *A história do corpo*. Lisboa: Difel.
 Utilizando um amplo registo de exemplos históricos, o autor constrói uma abordagem sistematizada da presença do corpo e da sua progressiva autonomia como sujeito social, cruzando as dimensões terapêuticas, estéticas e performativas que o corpo apresenta nas sociedades modernas.

- Dunbar, R. (2006). *A História do Homem. Uma nova história da evolução da humanidade*. Lisboa: Quetzal Editores.

Nesta obra faz-se uma abordagem interdisciplinar da história da evolução da humanidade. O autor junta as descobertas e os avanços que várias disciplinas sofreram na última década para tentar explicar quem somos nós e entender a mente humana.

Douglas, M. (1991). *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70.

Obra de referência na discussão das construções culturais sobre o corpo e os elementos biológicos da vida social que analisa os lugares sociais de género e as instituições normativas decorrentes implicadas nos processos e nas categorias de reprodução cultural.

Leroi-Gourhan, A. (1990). *O gesto e a palavra: Técnica e linguagem* (vol. I). Lisboa: Edições 70.

- Leroi-Gourhan, A. (1987). *O gesto e a palavra: Memória e ritmos* (vol. II). Lisboa: Edições 70.

Cruzando dados da arqueologia e da etnografia, o autor constrói uma obra monumental sobre as dimensões materiais da vida humana, da codificação das gestualidades aos complexos culturais da comunicação e da produção material, propondo uma organização sistemática extensa dos elementos componentes dessas dimensões da vida social.

Vieira, A. B. (1995). *Ensaio sobre a evolução do homem e da linguagem*. Lisboa: Fim de Século.

Nesta obra desenvolve-se uma abordagem transdisciplinar da paleoantropologia, através de um conjunto de ensaios sobre a evolução humana, a história natural do cérebro, a linguagem e o comportamento do homem; inclui um útil glossário sobre estas temáticas.

Obras complementares

- AAVV (1989). *Enciclopédia Einaudi. Homo – domesticação – cultura material* (vol. XVI). Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

Albert-Llorca, M. (1991). *L'ordre des choses*. Paris: Éditions du CTHS.

- Almeida, M. V. (Org.) (1996). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta.

Binford, L. (1991). *Em busca do passado: a descodificação do registo arqueológico*. Mem Martins: Europa-América.

Boyd, R. & Richerson, P. (1985). *Culture and the evolutionary process*. Chicago: University of Chicago Press.

Boyd, R. & Silk, J. (2003). *How humans evolved*. Nova Iorque/Londres: W. W. Norton & Company.

Browne, K. (2002). *Trabalhos divididos: uma perspectiva evolutiva das mulheres no trabalho*. Coimbra: Quarteto Editora.

Campbell, B. (1988). *Ecologia humana*. Lisboa: Edições 70.

Cartwright, J. (2000). *Evolution and human behavior*. Cambridge: The MIT Press.

Casanova, C. (1996). *Primatologia. Sobre o comportamento e organização social de um grupo de chimpanzés (Pan troglodytes) em cativeiro*. Lisboa: ISCSP-UTL.

Castro, J. M. B. (2002). *El chico de la Gran Dolina: en los orígenes de lo humano*. Barcelona: Editorial Crítica.

- Chevalier-Skolnikoff, S. & Poirier, F. E. (Eds.) (1977). *Primate bio-social development: biological, social and ecological determinants*. Londres: Garland.
- Conde, C. J. C. & Ayala, F. J. (2001). *Senderos de la evolución humana*. Madrid: Alianza Editorial.
- Conroy, G. C. (1976). *Primate postcranial remains from the oligocene of Egypt*. Basel: S. Karger.
- Conroy, G. C. (1990). *Primate evolution*. London: W. W. Norton.
- Conroy, G. C. (2004). *Reconstructing human origins. A modern synthesis*. London: W. W. Norton.
- Coppens, Y. (1990). *Pré-âmbulos: os primeiros passos do homem*. Lisboa: Gradiva.
- Cronk, L., Chagnon, N. & Irons, W. (2000). *Adaptation and human behavior: an anthropological perspective*. Nova Iorque: Aldine de Gruyter.
- Daly, M. & Wilson, M. (2002). *A Verdade sobre Cinderela: uma visão darwiniana do cuidado parental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Dunbar, R. (1996). *Grooming, gossip and the evolution of language*. Londres: Faber and Faber.
- Dunbar, R., Knight, C. & Power, C. (Eds.) (2003). *The Evolution of Culture*. New Jersey: Rutgers University Press.
- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (1996). *Evolução humana. Ethnologia*, 5 (nova série). Lisboa: FCSH/UNL.
- Fischler, C. (1990). *L'omnivore*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- Goffman, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gould, S. J. (1986). *O polegar do Panda: reflexões sobre história natural*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Goody, J. (1987). *A domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Haviland, W. A. (2000). *Anthropology*. Orlando: Harcourt College Publishers.
- Hiernaux, J. (1988). *A Diversidade Biológica Humana*. Lisboa: Fundação Gulbenkian.
- Joaquim, T. (1983). *Dar à luz: Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Jolly, A. (1985). *The evolution of primate behavior* (2ª ed.). Nova Iorque: Macmillan Publishing Company.
- Jones, S., Martin, R. D. & Pilbeam, D. (Eds.) (1995). *The Cambridge Encyclopedia of Human Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jorge, V. O. (1987). *Projectar o passado: ensaios sobre arqueologia e pré-história*. Lisboa: Editorial Presença.
- Kitzinger, S. (1978). *Mães: Um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Editorial Presença.
- Koltak, C. P. (1994). *Antropologia. Una exploración de la diversidad humana* (6ª ed.). Madrid: McGraw-Hill.
- Lewin, R. (1993). *Human evolution*. Londres: Blackwell Scientific Publications.
- Matsuzawa, T. (Ed.) (2001). *Primate origins of human cognition and behavior*. Tokyo: Springer-Verlag.

- McGrew, W. C. (1992). *Chimpanzee material culture: implications for human evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McGrew, W. C., Maechant, L. F. & Nishida, T. (Eds.) (1996). *Great Ape Societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mendes, J. C. (1985). *As origens do Homem: bases anatómicas da hominização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Napier, J. R. & Napier, P. H. (1985). *The natural history of the primates*. Londres: British Museum Natural History.
- Nowak, R. M. (1999). *Walker's Primates of the World*. Baltimore. Londres: The Johns Hopkins University Press.
- Quiatt, D. & Vernon R. (1993). *Primate behaviour: information, social knowledge, and the evolution of culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Reader, J. (1988). *Missing links: the hunt for earliest man*. Londres: Penguin Books.
- Richards, G. (1987). *Human evolution: an introduction for the behavioural sciences*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Ridley, M. (2001). *Genoma. Autobiografia de uma espécie em 23 capítulos*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Ridley, M. (2004). *A Rainha de Copas. O Sexo e a Evolução da Natureza Humana*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Rowe, N. (1996). *The Pictorial Guide to the Living Primates*. Charlestown, Rhode Island: Pogonias Press.
- Smith, E. A. & Winterhalder, B. (1992). *Evolutionary Ecology and Human Behavior*. Howthorne, N.Y.: Aldine de Gruyter.
- Smith, J. M. (2002). *Modelando a vida: genes, embriões e evolução*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Smuts, B. B. (Ed.) (1987). *Primate societies*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Soczka, L. (1994). *Ensaio de etologia social*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Vieira, A. B. (1995). *Ensaio sobre a Evolução do Homem e da Linguagem*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Tudge, C. (2002). *Neandertais, bandidos e agricultores: como começou realmente a agricultura?* Coimbra: Quarteto Editora.
- Whitfield, P. (1994). *História natural da evolução*. Lisboa: Verbo.

Tema 3. A construção das sociedades no mundo contemporâneo e na história

Obras essenciais

- Evans-Pritchard, E. E. (2002). *Os Nuers*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
Um clássico da antropologia dedicado ao estudo de uma sociedade pastoril.
- Hannerz, U. (1980). *Exploring the city*. Nova Iorque: Columbia University Press.

Um guia sem paralelo dos estudos urbanos – em antropologia e em sociologia – realizados no último século e dos principais temas por eles tratados.

Lee, R. B. & Daly, R. (Eds.) (1999). *The Cambridge encyclopaedia of hunter-gatherers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Esta publicação constitui a síntese mais importante sobre o estudo das sociedades de caçadores-recolectores e aborda diversos domínios: dos modos de subsistência e organização do parentesco ao xamanismo e à visão do mundo. A obra combina um tratamento generalizador destas sociedades com uma panorâmica detalhada das mesmas.

▪ Oliveira, E. V., Galhano, F. & Pereira, B. (1995). *Alfaia agrícola portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

A partir da análise da tecnologia agrícola é-nos oferecida uma panorâmica global valiosa e muito documentada dos espaços rurais portugueses.

Shanin, T. (1987). *Peasants and peasant societies: Selected readings* (2ª ed.). Oxford: Blackwell.

A mais importante obra de referência sobre as sociedades camponesas. Contém uma ampla gama de estudos que tratam da economia, da sociedade e da organização do poder político. Excelente bibliografia.

Wolf, E. (1976 [1966]). *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Uma obra básica sobre o campesinato, escrita por um antropólogo que levou a cabo trabalhos exaustivos em meios camponeses latino-americanos e europeus.

▪ Hobsbawm, E. (1962). *A era das revoluções*. Lisboa: Editorial Presença.

▪ Hobsbawm, E. (1975). *A era do capital 1848-1875*. Lisboa: Editorial Presença.

▪ Hobsbawm, E. (1990). *A era do império 1875-1914*. Lisboa: Editorial Presença.

▪ Hobsbawm, E. (1996). *A era dos extremos 1914-1991*. Lisboa: Editorial Presença.

Todas estas obras, que formam um conjunto, constituem uma abordagem das transformações económicas, sociais, culturais e políticas que tiveram lugar nos últimos séculos, debruçando-se sobre as suas relações que mantêm entre si.

Worsley, P. (1984). *The three worlds: Culture & world development*. Londres: Weidenfeld and Nicholson.

Uma análise bem informada sobre as sociedades agrícolas e o mundo industrial, recomendável em particular pelo modo como articula o caso europeu com a situação verificada em outros continentes.

Obras complementares

Barnard, A. (1983). Contemporary hunter-gatherers. Current theoretical issues in ecology and social organization. *Annual Review of Anthropology*, 12, 193-214.

Bird-David, N. (2001). Hunting and gathering societies in anthropology. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*, vol. 10 (pp. 7082-86). Amsterdão: Elsevier.

Branco, J. F. (1987) *Camponeses da Madeira: As bases materiais do quotidiano no arquipélago (1750-1900)*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.

Brettel, C. (1991). *Homens que partem, mulheres que esperam: Consequências da emigração numa Freguesia Minhota*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.

Brito, J. P. (1996). *Retrato de aldeia com espelho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Carvalho, R. D. (1999). *Fui lá visitar pastores*. Lisboa: Cotovia.
- Casal, A. (2005). *Entre a dádiva e a mercadoria*. Lisboa: autor.
- Chayanov, A.V. (1987). The theory of peasant economy. D. Thorner, R. E. F. Smith & B. Kerblay (Eds.). Madison: Wisconsin University Press.
- Cipolla, C. (1973-75). *The Fontana economic history of Europe* (vols. 3, 4, 5 e 6). Glasgow: Fontana Books.
- Cordeiro, G. (1997). *Um lugar na cidade: Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Cutileiro, J. (1977 [1971]). *Ricos e pobres no Alentejo*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Dahl, G. (2001). Pastoralism in anthropology. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, vol. 16 (pp. 11108-11111). Amsterdão: Elsevier.
- Dias, J. (s.d.). *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Dias, J. (1949). *Les troupeaux transhumants et leurs chemins*. Lisboa: Congresso Internacional de Geografia.
- Dias, J. (1984). *Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril* (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Ellen, R. (1994). Modes of subsistence: Hunting and gathering to agriculture and pastoralism. In T. Ingold (Org.), *Companion Encyclopedia of Anthropology* (pp. 197-225). Londres: Routledge.
- Evans-Pritchard, E. E. (1978). *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Godelier, M. (2000). *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Ingold T. & Riches, D. & Woodburn, J. (Eds.) (1988). *Hunters and gatherers*. Oxford: Berg.
- Ingold, T. (1980). *Hunters, pastoralists, and ranchers: Reindeer economies and their transformation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ingold, T. (1999). On the social relations of the hunter-gatherer band. In R. B. Lee & R. Daly. (Eds.), *The Cambridge Encyclopedia of Hunters and Gatherer* (pp. 399-410). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jochim, M. (1996). Hunting and gathering societies. In D. Levinson & M. Ember (Eds.), *Encyclopedia of Cultural Anthropology*, vol. 2 (pp. 624-629). Nova Iorque: Henry Holt.
- Johnson, A. & Earle, T. (1987). *The evolution of human societies: From foraging group to agrarian state*. Stanford: Stanford University Press.
- Kearney, M. (1996). Peasants. In D. Levinson & M. Ember (Eds.), *Encyclopedia of Cultural Anthropology*, vol. 3 (pp. 913-918). Nova Iorque: Henry Holt.
- Lee, R. (1979). *The !Kung San: Men, women and work in a foraging society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lee, R. B. & Daly, R. (1999). Introduction: Foragers and others. In R. Lee & R. Daly (Eds.), *The Cambridge Encyclopedia of Hunters and Gatherers* (pp. 1-19). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lewis, I. M. (1961). *A pastoral democracy: A study of pastoralism and politics among the Northern Somali of the Horn of Africa*. Nova Iorque: Oxford University Press.

- Lourandos, H. (2001). Archaeology of hunter-gatherer societies. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*, vol. 10 (pp. 7078-82). Amsterdão: Elsevier.
- Mauss, M. (1973). Essai sur les variations saisonnières des sociétés Eskimos: étude de morphologie sociale. In M. Mauss, *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF.
- Mauss, M. (1988). *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Meillassoux, C. (1977). *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento.
- Michael J. (1996). Hunting and gathering societies. In D. Levinson & M. Ember (Org.), *Encyclopedia of Cultural Anthropology* (vol. 3). Nova Iorque: Henry Holt.
- O'Neill, B. (1984). *Proprietários, lavradores e jornaleiras*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Pina-Cabral, J. (1989). *Filhos de Adão, filhas de Eva: a visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Pouillon, F. (1978). *Antropologia económica: correntes e práticas*. Lisboa: Edições 70.
- Ravis-Giordani, G. (1983). *Bergers corses*. Aix-en-Provence: Edisud.
- Salzman, P. C. (1996). Pastoralism. In D. Levinson & M. Ember (Eds.), *Encyclopedia of Cultural Anthropology*, vol. 3 (pp. 899-905). Nova Iorque: Henry Holt.
- Shanin, T. (1987). Introduction: Peasantry as a concept. In T. Shanin (Ed.), *Peasants and Peasant Societies*, (pp. 1-11). Oxford: Blackwell.
- Silva, C. M. (1998). *Resistir e adaptar-se: Constrangimentos e estratégias camponesas no noroeste de Portugal*. Porto: Afrontamento.
- Sobral, J. M. (1999). *Trajectos: o passado e o presente na vida numa freguesia da Beira*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Turner, V. (1974 [1969]). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Wateau, F. (2000). Conflitos e água de rega: ensaio sobre a organização social no vale de Melgaço. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Weber, M. (1978). *Economy and society: An outline of interpretative sociology*. G. Roth & C. Wittich (Eds.), Berkeley: University of California Press.
- Whyte, W. (2005). *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Tema 4. Formas de organização social

Obras essenciais

- Almeida, M. V. de (2000). *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade* (2ª ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Aborda as questões do género com particular ênfase na masculinidade. Inclui um capítulo que passa em revista as obras mais significativas dos estudos do género.

- Burguière, A. et al. (1996). *História da família* (4 vols.). Lisboa: Terramar.
Obra de referência nos estudos de parentesco, abrangendo contextos geográficos diversificados numa perspectiva histórica. Conta com contributos de alguns dos mais importantes investigadores nesta área.

Dumont, L. (1972). *Homo hierarchicus: le système de castes et ses implications*. Paris: Gallimard.

Um clássico nos estudos de estratificação social.

- Ghasarian, C. (1999). *Introdução ao estudo do parentesco*. Lisboa: Terramar.
Escrito em forma de manual, esta obra apresenta um panorama geral das questões do parentesco, incluindo as mais recentes, ligadas às problemáticas suscitadas com as novas tecnologias de reprodução.

Goddard, V. A., Llobera, J. R. & Shore, C. (Eds.) (1994). *The anthropology of Europe: Identities and boundaries in conflict*. Oxford: Berg Publishers.

Uma obra fundamental para entender a Europa actual e as implicações das diferenças culturais neste contexto.

Obras complementares

Allen, T. & Eade, J. (1999). *Divided europeans: understanding ethnicities in conflict*. Londres: Kluwer.

Anderson, B. (2005). *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70.

Augé, M. (1978). *Domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial, residência*. Lisboa: Edições 70.

Barth, F. (1969). Introduction. In *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Boston M. A.: Little Brown.

Bastos, C. (1993). *Os montes do nordeste algarvio*. Lisboa: Cosmos.

Durão, S. (2004). *Quando as mulheres concorrem e entram na polícia: A óptica etnográfica*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.

Bourdieu, P. (1979). *La distinction*. Paris: Minuit.

Eisenstadt, S. (1956). *From generation to generation: Age groups and social structure*. Glencoe: Free Press.

- Flandrin, J.-L. (1995). *Famílias – parentesco, casa, sociedade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa.

Fox, R. (1986). *Parentesco e casamento: Uma perspectiva antropológica*. Lisboa: Veja.

Gellner, E. (1993). *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Gradiva.

- Goody, J. (1995). *Família e casamento na Europa*. Oeiras: Celta Editora.

Guibernau, M. & Rex, J. (1999). *The ethnicity reader: Nationalism, multiculturalism and migration*. Cambridge: Polity Press.

Hall, S. (1991). Old and new identities, old and new ethnicities. In A. D. King (Ed.), *Culture, globalization and the world system* (pp. 41-68). Londres: Macmillan.

- Hall, S. (1991). The local and the global: Globalization and ethnicity. In A. D. King (Ed.), *Culture, globalization and the world system* (pp. 19-40). Londres: Macmillan.
- Lévi-Strauss, C. (1967). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Maalouf, A. (1999 [1998]). *Identidades assassinas*. Miraflores: Difel.
- Pedroso Lima, M. A. (2004). *Grandes famílias, grandes empresas: ensaio antropológico sobre a elite de Lisboa*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Mair, L. (1973 [1971]). *O casamento*. Lisboa: Ulisseia.
- Pereira Bastos, J. (1999). *Portugal multicultural: Situação e estratégias identitárias das minorias étnicas*. Lisboa: Fim de Século.
- Pereira Bastos, S. (1997). *O Estado Novo e os seus vadios: contribuição para o estudo das identidades marginais e a sua repressão*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Pina-Cabral, J. (2003). *O Homem na família: cinco ensaios de Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Radcliffe-Brown, A. R. & Forde, D. (1982). *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, A. (1992). *Heranças: Estrutura agrária e sistema de parentesco numa aldeia da Beira Baixa*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar.
- Shorter, E. (1995). *A Formação da família moderna*. Lisboa: Terramar.
- Smith, A. D. (1991). *National identity*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Sobral, J. M. (2003). A formação das nações e o nacionalismo: paradigmas explicativos e o caso português. *Análise Social*. Vol. XXXVII (165), 1093-1126.
- Thiesse, A-M. (2000). *A criação das identidades nacionais*. Lisboa: Temas e Debates.

Tema 5. A construção cultural das sociedades

Obras essenciais

- Connerton, P. (1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora.
Uma abordagem estimulante do estudo da memória, que não a trata apenas enquanto manifestação discursiva, mas igualmente como prática corporal. Contém uma importante reflexão sobre a relação entre ritual, comemorações e reprodução social.
- Espírito Santo, M. (1984). *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
Amplio repositório de práticas culturais tradicionais que, simultaneamente, discute a existência de uma dimensão popular da vivência religiosa, distinta da organização eclesiástica formal.
- Fentress, J. & Wickham, C. (1994). *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Editorial Teorema.

A partir da noção de *memória social*, considerada como elemento indissociável da construção histórica das sociedades, os autores discutem os processos de construção, utilização e manipulação dessa memória, considerando que a memória social é eminentemente *criativa*.

Gell, A. (1992). *The anthropology of time: cultural constructions of temporal maps and images*. Oxford: Berg Publishers.

Nesta obra apresenta-se e discute-se a perspectiva de diversos autores importantes no quadro das ciências sociais sobre os processos de construção e representação das coordenadas de tempo e espaço.

Goody, J. (1987). *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70.

Conjunto de ensaios, na sequência de outras obras do autor que constituem um corpo teórico e analítico essencial sobre esta temática, sobre o impacto da escrita nas estruturas sociais, abordando campos tão diversos como a religião, o direito e a economia política.

▪ Hobsbawm, E. & Ranger, T. (1984). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Referência já clássica nas ciências sociais contemporâneas – transcendendo o seu quadro disciplinar original da história social – sobre o processo de instituição de práticas caucionadas como “tradicional” e aí baseando a sua legitimação social.

Sanchis, P. (1983). *Arraial: festa de um povo*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.

Uma obra imprescindível no estudo da religiosidade popular em Portugal.

Silvano, F. (2001). *Antropologia do Espaço: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.

A autora apresenta as principais questões e desenvolvimentos teóricos de uma antropologia do espaço, desde a presença desta temática nos autores clássicos da antropologia até às propostas mais recentes.

Van Gennep, A. (1978 [1909]). *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Editora Vozes.

Obra clássica sobre a organização ritual dos ciclos de vida e das dimensões colectivas da vida social; apresenta uma proposta de sistematização das práticas rituais, fundamentalmente dos ritos de iniciação, de agregação e de passagem.

Obras complementares

▪ AAVV (1987). *Enciclopédia Einaudi. Oral / Escrito. Argumentação* (vol. 11). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

▪ AAVV (1997). *Enciclopédia Einaudi. Vida / Morte. Tradições – Gerações* (vol. 36). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Ariés, P. (1989). *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.

Bloch, M. & Parry, J. (Eds.) (1996). *Death and the regeneration of life*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bloch, M. (1989). *Ritual, history and power*. Londres: Athlone Press.

Bourdieu, P. (1998). *O que falar quer dizer: a economia das trocas linguísticas*. Miraflores: Difel.

Callois, R. (1988). *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70.

Cardeira da Silva, M. (1999). *Um Islão prático: o quotidiano feminino em meio popular muçulmano*. Oeiras: Celta Editora.

- Cohn, N. (1981). *Na senda do milénio: Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cole, S. (1994). *Mulheres da praia: o trabalho e a vida numa comunidade costeira portuguesa*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Cordeiro, G. I. et al. (2003). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Editora.
- Eliade, M. (1994 [1949]). *Tratado de história das religiões*. Lisboa: Edições ASA.
- Fortune, R. (1977 [1963]). *Os feiticeiros de Dobu*. Lisboa: Bertrand.
- Goody, J. (2000). *The power of the written tradition*. Washington / Londres: Smithsonian Institution Press.
- Halbwachs, M. (1925). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: PUF.
- Halbwachs, M. (1990) *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
 - Hoggart, R. (1961). *As utilizações da cultura* (2 vols.). Lisboa: Editorial Presença.
- Huntington, R & Metcalf, P. (1979). *Celebrations of death: The anthropology of mortuary ritual*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Iturra, R. (1991). *A religião como teoria da reprodução social: ensaios de antropologia social sobre religião, pecado, celibato e casamento*. Lisboa: Escher.
- Iturra, R. (1989). *A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem*. Bragança: Instituto Superior Politécnico.
- Leal, J. (1994). *As festas do Espírito Santo nos Açores*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Lévi-Strauss, C. (1992). *História do lince*. Porto: Asa.
- Mohen, J. (1995). *Les rites d'au-delà*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Frazão-Moreira, A. (1994). Entre favas e ovelhas: categorias do mundo adulto apreendidas pelas crianças, numa aldeia do Alto Douro. *Educação, Sociedade e Culturas*, 2. Porto: Afrontamento.
- Morin, E. (1988). *O Homem e a morte*. Mem Martins: Publicações Europa – América.
- Oliveira, E. V. (1984). *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Pereira, P. (2003). *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rowland, R. (1997). *População, família, sociedade: Portugal, séculos XIX-XX*. Oeiras: Celta.
- Silva, A. S. (1994). *Tempos cruzados: Um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto: Afrontamento.
- Silvano, F. (1997). *Territórios de Identidade: Representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*. Oeiras: Celta Editora.
- Vasconcelos, J. et al. (1996-98). *Romarias: um inventário dos santuários de Portugal* (2 vols.). Lisboa: Olhapim.

Velho, O. (1998). Antropologia da Religião em tempos de globalização. *Etnográfica* (2) 2, 347.

Vincent-Thomas, L. (1975). *Anthropologie de la mort*. Paris: Payot.

Zonabend, F. (1980). *La mémoire longue*. Paris: PUF.

Tema 6. Formas de poder, dominação, resistência

Obras essenciais

- Balandier, G. (s.d.). *Antropologia Política*. Lisboa: Editorial Presença.
Um manual clássico e acessível para uma iniciação à problemática. Fundamental.
- Earle, T. (1994). Political domination and social evolution. In T. Ingold (Org.), *Companion Encyclopedia of Anthropology* (pp. 940-961). Londres: Routledge.
Uma síntese acessível onde se faz a articulação entre formas de distribuição do poder, recursos e organização social num contexto evolutivo.
- Mann, M. (1986). *The sources of social power*, vol. 1: *A history of power from the beginning to A.D. 1760*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mann, M. (1986). *The sources of social power*, vol. 2: *The rise of classes and Nation-States, 1760-1914*. Cambridge: Cambridge University Press.
As duas obras representam uma tentativa ambiciosa e sem paralelo de analisar historicamente as formas de poder até ao presente.
- Scott, J. C. (1990). *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. New Haven/Londres: Yale University Press.
Uma obra fundamental e inovadora, baseada em ampla bibliografia e na investigação de terreno do autor no sudeste asiático, para o estudo da dominação, da resistência e do conflito social em múltiplos contextos.
- Wolf, E. R. (1990). Distinguished lecture: Facing power – old insights, new questions. *American Anthropologist*, 92 (3), 586-596.
Um pequeno/grande artigo que resume algumas das principais modalidades de estruturação do poder.

Obras complementares

- Abercombrie, N. et al. (1980). *The dominant ideology thesis*. Londres: George Allen & Unwin.
- Bailey, F. G. (1988). *Stratagems and spoils: A social anthropology of politics*. Oxford: Basil Blackwell.
- Bailey, F. G. (Ed.) (1971). *Gifts and poison: The politics of reputation*. Oxford: Basil Blackwell.
- Boissevain, J. & Mitchel, C. (1973). *Network analysis: studies in human interaction*. Paris. Mouton & Co.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Clastres, P. (1979). *A sociedade contra o Estado: Investigações de antropologia política*. Porto: Afrontamento.
- Eisenstadt, S. & Roniger, R. (1980). Patron-client relations as a model of structuring social exchange. *Comparative Studies in Society and History*, 22(1), 47-77.

- Fernandes, M. (2006). *Terra de Catarina: do latifúndio à reforma agrária: ocupação de terras e relações sociais em Baleizão*. Oeiras: Celta.
- Fradique, T. (2003). *Fixar o movimento: representações da música rap em Portugal*. Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- Gledhill, J. (1994). *Power and its disguises: Anthropological perspectives on politics*. Londres: Pluto Press.
- Godinho, P. (2001). *Memórias da resistência rural no sul: Couço (1958-1962)*. Oeiras: Celta Editora.
- Goody, J. (1971). *Technology, tradition and the State in Africa*. Oxford: Oxford University Press.
- Hobsbawm, E. (1971). *Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Kertzer, D. (1988). *Ritual, politics and power*. Londres: Yale University Press.
- Rudé, G. (1980). *Ideology and popular protest*. Londres: Lawrence & Wishart.
- Scott, J. C. (1976). *The moral economy of the peasant: Rebellion and subsistence in southeast Asia*. New Haven: Yale University Press.
- Scott, J. C. (1985). *Weapons of the weak: Everyday forms of peasant resistance*. New Haven: Yale University Press.
- Wolf, E. R. (2001). Kinship, friendship and patron-client relationships in complex societies. In E.R. Wolf, *Pathways of power: Building an anthropology of the modern world*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Wolf, E. (2003). *Antropologia e poder*. Brasília/Campinas/São Paulo: Ed. UNB/Unicamp.
- Wolf, E. R. (1969). *Peasant wars of the twentieth century*. Nova Iorque: Harper and Row.

Tema 7. A diversidade das culturas humanas no passado e no presente

Obras essenciais

- Appadurai, A. (2000). *Globalization*. Durham: Durham University Press.
Uma análise recente sobre as implicações da globalização.
- Lévi-Strauss, C. (1980). *Raça e História*. Lisboa: Editorial Presença.
Elaborada sob os auspícios da Unesco, esta obra questiona os pressupostos da distinção racial.
- Wilson, R. (Ed.) (1997). *Human rights, culture and context: anthropological perspectives*. Londres: Pluto Press.
As implicações culturais dos direitos humanos numa perspectiva antropológica.
- Wolf, E. R. (1982). *Europe and the people without history*. Berkeley: University of California Press.
Uma obra de referência na análise das implicações do contacto colonial.

Obras complementares

- Albuquerque, L. et al. (1991). *O confronto do olhar: O encontro dos povos na época das navegações portuguesa, séculos XV e XVI*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Appadurai, A. (1997). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Asad, T. (Ed.) (1973). *Anthropology and the colonial encounter*. London: Ithaca.
- Banton, M. (1979 [1977]). *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (1998). *Globalization: The human consequences*. Cambridge: Polity Press.
- Beaud, M. et. al. (Coord.) (1999). *Mondialisation. Les mots et les choses*. Paris: Karthala.
- Boxer, C. R. (1977). *Relações raciais no império colonial português (1415-1825)*. Porto: Afrontamento.
 - Carreira, A. (1983). *Notas sobre o tráfico português de escravos (2ª ed.)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.
- Carvalho, C. & Pina-Cabral, J. (Coord.) (2004). *A persistência da história: passado e contemporaneidade em África*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Castells, M. (1996). *The rise of the network society*. Oxford: Blackwell.
- Castells, M. (1997). *The power of identity*. Oxford: Blackwell.
- Castells, M. (1998). *End of millenium*. Oxford: Blackwell.
- Castles, S. (2000). *Ethnicity and globalization: from migrant workers to transnational citizens*. London: Sage Publications.
- Dias, J. & Alexandre, V. (Coord.) (1998). *O império africano, 1825-1890 (vol. 10)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Featherstone, M., Lash, S. & Robertson, R. (Eds.) (1995). *Global modernities*. Londres: Sage Publications.
- Featherstone, M. (1990). *Global culture: Nationalism, globalisation and modernity*. Londres/Thousand Oaks/New Dehli: Sage Publications.
- Ferro, M. (1996) *História das colonizações: Das conquistas às independências – Séculos XIII-XX*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Friedman, J. (1994). *Cultural identity and global process*. Londres: Sage Publications.
- Friedman, T. L. (2000). *Compreender a globalização: O lexis e a oliveira*. Lisboa: Quetzal.
- Galtung, J. (1998). *Direitos humanos: Uma nova perspectiva*. Lisboa: Ed. Piaget.
- Garsten, C. (1994). *Apple world: core and periphery in a transnational organizational culture*. Stockholm: Stockholm Studies in Social Anthropology.
- Giddens, A. (1999). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- Griswold, W. (1994). *Cultures and society in a changing world*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- Harris, O. (Ed.) (1996). *Inside and outside the law: anthropological studies of authority and ambiguity*. Londres: Routledge.

- Held, D. et al. (2000). *Global transformations: politics, economics and culture*. Cambridge: Polity Press.
- Howes, D. (Ed.) (1996). *Cross cultural consumption: Global markets, local realities*. Londres: Routledge.
- King, A. D. (Ed.) (1991). *Culture, gobalization and the world system: Contemporary conditions for the representation of identity*. Nova lorque: MacMillan.
- Miller, D. (1995). *Worlds apart: Modernity through the prism of the local*. Londres: Routledge.
- Rodrigues de Areia, M. (1985). *Les symboles divinatoires: analyse socio-culturelle d'une technoque de divination des Cokwe de l'Angola: Ngomo ya Cisuka*. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, W. (1999). Globalização e gentrificação: Teoria e empiria. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 29, 95-125.
- Roque, R. (2001). *Antropologia e império: Fonseca Cardoso e a expedição à Índia em 1895*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Silva, M. C. (2000). *Globalização hegemónica e globalização contra hegemónica*. Oeiras: Celta Editora.
- Todorov, T. (1982.). *La conquête de l'Amérique, la question de l'autre*. Paris: Ed. du Seuil.
- Vala, J. (Org.) (1999). *Novos racismos: Perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta.
- Vala, J., Brito, R. & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
 - Viegas, J. M. L. & Dias, E. C. (2000). *Cidadania, integração, globalização*. Oeiras: Celta.
- Wallerstein, I. (1974-89). *The modern world systems* (3 vols.). Nova lorque: Academic Press.
- Waters, M. (1995). *Globalisation*. Londres: Routledge.

4.1. Recursos na Internet

ASSOCIAÇÕES, INSTITUTOS E SOCIEDADES CIENTÍFICAS

Associação Portuguesa de Antropologia

<http://www.apantropologia.net/>

Associação Portuguesa de Primatologia

<http://www.apprimatologia.org/>

Grupo de Estudos de Evolução Humana

<http://lerv.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg01106.html>

Sociedade de Geografia de Lisboa

<http://socgeografia-lisboa.planetaclix.pt/>

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

<http://spae.no.sapo.pt/>

American Anthropological Association (AAA)

<http://www.aaanet.org/>

Associação Andaluza de Antropologia (AAA)

<http://www.asana-online.org/index.php>

Association d'Anthropologie Méditerranéenne (ADAM)

<http://adam.mmsh.univ-aix.fr/>

Associazione Antropologica Italiana (AAI)

<http://aai.unipr.it/cgi-bin/home.pl>

Associação Brasileira de Antropologia (ABA)

<http://www.abant.org.br/>

Association Française des Anthropologues (AFA)

<http://www.afa.msh-paris.fr/index.html>

Association for Feminist Anthropology (AFA)

<http://yana.sscl.berkeley.edu/~afaweb/>

Associação Latino Americana de Antropologia Biológica (ALAB)

http://www.ivic.ve/alab/main_alab.html

Association of Social Anthropologists of the UK and Commonwealth (ASA)

<http://www.theasa.org/>

Association for Social Anthropology in Oceania (ASAO)

<http://www.soc.hawaii.edu/asao/pacific/hawaiki.html>

Asociación Vasca de Antropología Ankulegi

<http://ankulegi.pangea.org/castellano/asociacion/index.html>

Canadian Anthropology Society (CASCA)

http://www.casca.anthropologica.ca/ab_about.htm

European Association of Social Anthropologists (EASA)

<http://www.easaonline.org/>

Institut für Ethnologie, Universität Bern

<http://www.anthro.unibe.ch/>

International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES)

<http://www.leidenuniv.nl/fsw/uaes/>

Japanese Society of Cultural Anthropology (JASCA)

<http://wwwsoc.nii.ac.jp/jse/index-e.html>

Oxford University Anthropological Society "a student-run organisation" (OUAS)

<http://users.ox.ac.uk/~anthsoc/index.html>

The Royal Anthropological Institute (RAI)

<http://www.therai.org.uk>

Society for Applied Anthropology SFAA)

<http://www.sfaa.net/>

Society for Cultural Anthropology (SCA)

<http://www.aaanet.org/sca/index.htm>

Society for Humanistic Anthropology (SHA)

<http://www.smcm.edu/sha/>

Society for Psychological Anthropology (SPA)

<http://www.aaanet.org/SPA/index.htm>

Society for Urban, National and Transnational/Global Anthropology (SUNTA)

<http://www.sunta.org/>

Society for Visual Anthropology (SVA)

<http://www.societyforvisualanthropology.org/>

Société Internationale d'Ethnologie et de Folklore (SIEF)

<http://www.meertens.knaw.nl/sief/>

World Council of Anthropological Associations (WCAA)

<http://www.wcaanet.org/>

CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

CACS – Centro de Antropologia Cultural e Social – Inst. Investigação Científica Tropical

<http://www.iict.pt/actividades/261/viict261.asp>

CEAA – Centro de Estudos Africanos e Asiáticos – Inst. Investigação Científica Tropical

<http://www.iict.pt/estrutura/vest02.asp?divisao=254>

CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social – ISCTE

<http://www.ceas.iscte.pt/>

CEEP – Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa – Fac. Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa

<http://www.fcsh.unl.pt/invest/CEEP.htm>

CEMME – Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas – Fac. Ciências Sociais e Humanas – U. Nova de Lisboa

<http://www.fcsh.unl.pt/cemme/#2>

CEMRI – Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta

<http://www.univ-ab.pt/investigacao/cemri/index.html>

CEU – Centro de Etnologia Ultramarina - Inst. Investigação Científica Tropical

<http://www.iict.pt/estrutura/vest02.asp?divisao=262>

ICS – Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa

<http://www.ics.ul.pt>

ICS – Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho

<http://www.ics.uminho.pt/>

MUSEUS

Rede Portuguesa de Museus

<http://www.rpmuseus-pt.org>

Museu Nacional de Etnologia

<http://www.mnetnologia-ipmuseus.pt/>

Museu de Olaria, Barcelos

<http://www.geira.pt/museus/atrio/index.asp?id=11>

British Museum

<http://www.thebritishmuseum.ac.uk/>

Horniman Museum

<http://www.horniman.ac.uk/>

Maison de L'Archéologie et de L'Ethnologie

<http://web.mae.u-paris10.fr/accueil/index.htm>

Musée de L'Homme

http://www.museums-of-paris.com/musee_fr.php?code=342

OUTROS

ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

www.acime.gov.pt/

Anthropology – Selected Links

<http://www.sas.upenn.edu/~nsalazar/anthropology.html>

Anthropological Index Online

http://aio.anthropology.org.uk/cgi-bin/uncgi/search_bib_ai/anthind

Biblioteca Nacional

www.bn.pt

CSAC – Centre for Social Anthropology and Computing

<http://lucy.ukc.ac.uk/>

Ethnologue (referências sobre línguas e etnias, em inglês)

www.ethnologue.com

Fundação Calouste Gulbenkian

<http://www.gulbenkian.pt/>

German Anthropology on-line

<http://www.anthropology-online.de/index.html>

Ligações de Ciências Sociais e Humanas (base de recursos, em português)

www.fcsh.unl.pt/hp/end/home.htm

SOSIG – Social Science Information Gateway (base de recursos, em inglês)

<http://www.sosig.ac.uk/anthropology/>

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

www.unesco.org/

4.2. Revistas

Análise Social

ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
Av. Professor Aníbal Bettencourt, 9
1600-189 LISBOA

Antropologia Portuguesa

Departamento de Antropologia
Centro de Investigação em Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra
3000-056 Coimbra

ANTROPOlógicas

CEAA - Centro de Estudos de Antropologia Aplicada – Departamento de Ciência Política e do Comportamento, Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de Abril, 349,
4249-004 PORTO

Arquivos da Memória

CEEP – Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26-C
1069-061 LISBOA

Ethnologia

Departamento de Antropologia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26-C
1069-061 LISBOA

Etnográfica

CEAS - Centro de Estudos de Antropologia Social
Edifício ISCTE
Av. das Forças Armadas
1600-083 LISBOA

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
Faculdade de Ciências do Porto
Praça Gomes Teixeira
40050 PORTO